ARA· ODOS...

ANNO XII NUM. 609 RIO DE JANEIRO, 16 DE AGOSTO, DE 1930 PREÇO: 1$000

provocados pelos incommodos mensaes das senhoras são rapidamente alliviados com,

Cafiaspirina

Este admiravel preparado de BAYER acalma rapidamente as dores, e restitue ao organismo o seu estado normal de saude.

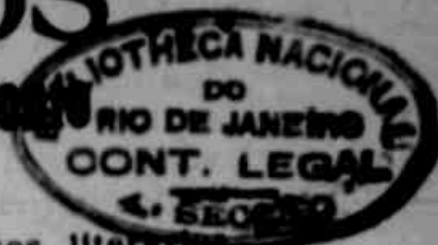
Mesmo os organismos mais delicados podem tomar CAFIASPIRINA com toda a confiança, pois ella

NAO AFFECTA O CORAÇÃO NEM OS RINS.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

Concurso de contos do PARA TODOS

O maior e o mais importante certamen organisado na America do Sul — O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz.

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintennio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sob a poeira das gavetas, todos os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de boa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessoa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro enveloppe fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concorrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em enveloppes separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade da S. A. "O Malho", durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

20ª — Todo trabalho concorrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

	CONTOS SENTIMENTAES	CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES	CONTOS HUMORISTICOS
	comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.	comprehendendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.	comprehendendo todo o asumpto de genero comico e de bom humor.
1º collocado	500$000	500$000	500$000
2º "	300$000	300$000	300$000
3º "	250$000	250$000	250$000
4º "	150$000	150$000	150$000
5º "	100$000	100$000	100$000
6º "	50$000	50$000	50$000
7º "	50$000	50$000	50$000
8º "	50$000	50$000	50$000
9º "	50$000	50$000	50$000
10º "	50$000	50$000	50$000
11º ao 15º collocado	1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.
16º ao 30º collocado	1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, terá mais ou menos a duração de 5 mezes, afim de permittir que escriptores de todo o paiz, desde o mais recondito logarejo, possam a elle concorrer. Assim, o presente concurso será encerrado no dia 22 de Novembro proximo, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para-todos..."

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO DE JANEIRO

Para todos...

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignatura: Brasil—1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro— 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo natal, uma edição extraordinaria.

Beijos Selvagens

Julio Margos disse adeus á dona da casa. Sua bôa educação era uma das muitas cousas que o tornavam sympathico. Dos trezentos rapazes presentes, nem vinte se preoccupariam em cumprimentar a mãe da **débutante**, em cuja honra se celebrava a festa.

Em troca, diversas moças e tres ou quatro senhoras, assim como tambem alguns homens seguiram o exemplo de Julio. Um delles disse-lhe:

— Olhando-as ainda, rapaz? Escuta: deves decidir-te a ter familia. Continuarás solteirão sempre?

Julio franziu o sobrôlho.

— Parece-me que me queres deixar de máo humor.

Thomaz Curt, já de cabellos grisalhos e ventre proeminente, gracejava:

— Quando um homem nota que perde os seus encantos pessoaes, confia em seus amigos. Mas, falando a serio, Julio, o homem que não se casa é um tolo.

Repara em mim. Cincoenta e dois annos de idade e passando as noites em bailes infantis. Lamento não ter tido juizo ha vinte annos para procurar uma esposa. Agora, tudo está perdido. Eu pensava que ficar solteiro era o ideal. E'... durante um tempo. Mas agora... Julio, casa-te.

— Procura-me uma que me ame... e a quem eu ame — disse Julio.

— Muitas terão esse direito. Mas, encontrar uma a quem queiras... bem, quando a vires, deves agarral-a e nada de historias querendo saber se ella realmente é a que tu amas.

Duas meis-garrafas de champagne tinham adoçado a alma de Curt.

— Isso foi justamente a estupidez que eu fiz — proseguiu. — Esperava e desconfiava... e outro typo a levou.

— Nunca farei isso — respondeu Julio. — Saberei que gosto della no momento de vel-a. E a levarei commigo... se puder.

—Muito bem! E que te parecia uma garrafinha para alegrar o espirito?

Julio disse que **não** com a cabeça.

— Acho que me vou deitar.

— Não vaes á casa dos Antola?

Curt não podia comprehender que alguem fosse deitar-se quando havia uma festa.

Novamente Julio meneou a cabeça.

— Esta noite, não. Um veterano como tu póde realizar tranquillamente essa façanha, mas um bisonho como eu...

Curt não ouviu o fim da phrase, pois já estava conversando com uma mocinha. Julio sorriu uma vez mais e continuou o seu caminho. Foi buscar o seu sobretudo e a cartola, e com toda a importancia, desceu os degráos das escadas, até chegar á rua.

Casar, ter filhos... um bom conselho, mas não era isso o que elle queria fazer.

Nalgum logar do mundo, havia de existir uma moça, mistura de fogo e gelo, doce e vinagre, e quando se encontrasse com ella... devia ser capaz de comprehensão e sympathia; deveria saber perdoar sem reservas. Não se pareceria a nenhuma dessas tolas **débutantes** na sociedade que, sem experiencia da vida, não poderiam entender o que a vida é... Por que tinha esse sonho? Nunca encontrára uma mulher assim. Mas se Deus o permittisse e elle a encontrasse, não lhe perguntaria de onde vinha nem quem era, pois a ella tambem devia importar pouco quem era elle...

Sahiu, ante os respeitosos cumprimentos dos creados, e quando se achou dentro do vehiculo, teve a consciencia de que estava saturado de perfume e de que umas sedas estavam muito perto delle. Uma voz trémula exclamou:

— Thomaz! Receava que nunca mais deixasses esta estupida festa!

A figura que estava a seu lado o sobresaltou.

— Quem é o senhor? — perguntou ella.

Agradavelmente surpreso, Julio notou que a voz não revelava nada.

— O mesmo para a senhora — riu-se elle.

— Diga ao **chauffeur** que pare o carro — ordenou ella.

penumbra, se notava o brilho dos seus o hos.

— A Sra. não póde sahir daqui — lembrou-lhe elle. — Estamos no meio da Avenida.

— Quem póde sahir é o senhor — respondeu ella.

— Ah! Chegámos a um ponto difficil. Começa a chover. Depende da sua benevolencia o deixar-me ir até um logar onde possa encontrar um taxi. Permitte!

— Então, diga-o ao **chauffeur.**

Julio poz a cabeça para fóra da janella do auto e murmurou alguma cousa ao que o **chauffeur** respondeu com um grunhido.

— Obrigado — disse a moça.

— Não ha de que. Dahi então, a Sra. póde ir ou, isto é, voltar ao ponto de partida. Se a Sra. acha que Thomaz ainda a está esperando. Acho que sim.

— Isso é uma galanteria barata.

— E' — respondeu Julio. — Mas, falando em geral, parece-me que estou agindo discretamente, não? Uma moça desconhecida num taxi... um rapaz impressionavel...

— O Sr. não parece nem um pouco impressionavel.

— Não o sou, confesso. Simplesmente quero a sua approvação pelo dominio que estou exercendo sobre mim mesmo.

— Concedo-a — disse ella, friamente.

— Acho que devo agradecer-lhe porque não tentou beijar-me.

— Talvez não fosse por minha vontade — disse Julio, com ar pensativo. — Não posso ver bem no escuro.

— Isso — fez ella num tom sentenciado — não é propriamente uma galanteria.

— Nem eu quiz que o fosse. Podia ser uma galanteria barata...

— Posso accender um cigarro?

A' luz do phosphoro, pareceu-lhe descobrir afinal o rosto que procurava, havia uma duzia de annos. Contemplou-a gravemente.

— De certo não se admirará se eu lhe disser que é adoravel.

— Naturalmente — respondeu a moça, muito seria.

Sua belleza era tão evidente como a sua mocidade, mas em seu rosto havia alguma cousa mais além da perfeição das linhas. Nos seus olhos brilhava a intelligencia. Seus doces labios pareciam feitos por Deus para beijar.

— Nunca desejei ser outra pessôa senão eu mesmo. Mas agora quizera ser Thomaz Curt.

Ella fitou-o assombrada. Não via um rosto ou um corpo mas sim o bom humor a amabilidade e alguma cousa de firmeza no caracter, cousa essa que muitas mulheres admiram.

— Talvez — disse ella — eu esteja desejando o mesmo.

— Não esperava que a senhora falasse assim.

— Tambem uso galante'os baratos.
— Sim.
— Mas, sendo adoravel?
— A senhora o é... Mas quero que seja adoravel para mim.
— Homem exquisito...
Julio inclinou-se para ella.
— Não... não me tome tão a serio... Já sei que o adivinhou...
Mas noto que a amo!
— E' insania isso! Se sente isso... por que eu não posso sentir o mesmo?
— Pareço-lhe uma mulher de galanteios baratos, porque lhe digo que quizera que fosse Thomaz Curt?
— Quem é esse Thomaz? — perguntou elle. — Quasi desconhecia a sua propria voz.
— Foi convidado para a festa dos Carmo. Disse que entraria ali por cinco minutos, apenas, e que o esperaria no taxi.
— Deve amal-o muito para fazer uma coisa assim por elle.
— Queria-o muito.
— Que quer dizer com isso?
— O que quizer entender.
— A senhora não comprehende — disse elle — que isto não é um flirt. Parece-me que sempre a estive esperando.
— Mais esperei eu pelo senhor — respondeu ella, e beijou-o exactamente do mesmo modo que deveria beijar a mulher que elle sonhava. Inexperiente, porém com a paixão ardorosa de uma alma pura. Os braços que lhe cingiam o pescoço nunca tinham abraçado antes outro homem. Instinctivamente o sabia.
— Sabe, por certo — disse-lhe — que nunca lhe permittirei que se vá.
— Nem sequer sei bem o seu nome — replicou Julio.
— Joanna... Joanna Garlo. E o Sr. é Julio Margos?
O conductor deteve a marcha do vehiculo.
— Eh! Já chegámos! — gritou Julio, e perguntou-lhe: — Quer vir ao meu appartamento?
Nesse instante, sabia que ella se estava ruborizando.
— Você tem sido tão pouco convencional até agora, que isto, por ultimo, quasi não tem importancia, não é?
—E' que eu quero falar-lhe... conhecel-a melhor.
— Se assim não entendesse, não iria com você.
Já no seu appartamento, fitou-a assombrado, quasi sem poder dar crédito aos seus olhos. Joven, cheia de vida, suave, de linhas esbeltas, adoravel...
A revelação dominava-o por completo.
E abraçaram-se como dois selvagens.
Sentou-a finalmente num divan, perto de um lucivelo que illuminava por completo o rosto da moça.
Puxou uma cadeira e sentou-se ao lado della. Suas mãos uniram-se.
— Quero ouvir tudo...
Entretanto, não quero falar. Você casará commigo?

Para todos...

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico "O Malho - Rio". Telephones: Gerencia: 3-0635. Escriptorio: 3-0634. Directoria: 3-0636. Officinas: 8-6247, Succursal em São Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

Ramon Sauli

— Certamente!
Era simples como uma creança.
— Em realidade, não sei se quero saber nada sobre você além do seu nome. Pergunto a mim mesmo se não seria muito mais delicioso esquecer que estamos no começo de tudo... De principiar esta mesma noite... e irmos aprendendo um a respeito do outro, lentamente. Talvez depois de seis mezes de casados...
— Basta-me saber que você é a mulher que quiz o meu coração. Nada mais importa.
— Eu até agora não sabia quaes, em verdade, os meus sentimentos. Agora, sei! De você só sei que se chama Julio, não dá no mesmo? Isto é uma cousa que só acontece nos poemas...
— Por que não? Por que dois sêres não se pódem amar desde o instante em que se conhecem? Acaso quando sonhamos não nos aborrecemos comnosco mesmo ao percebermos de vez em quando que estamos sonhando? Acceitemos o sonho.
— Mas nós, quando caminhamos é que sonhamos — lembrou-lhe ella.
O relogio do aposento bateu uma hora. Ella sobresaltou-se como uma delinquente:
— Querido— Uma hora da manhã! Devo ir-me embora... mamãe...
— Existe a sogra? — perguntou elle.
— A quem você conhecerá amanhã — respondeu ella, apressadamente. — Isso lhe causará um pouco de aborrecimento, pois teremos que passar a noite contando-lhe como nos conhecemos, e você terá que lhe narrar a historia de sua vida, mas você a desculpará, não? Eu, apesar disso, consigo sempre o que quero. Ella não queria que eu sahisse e sahi...
— Não lhe guardo rancor por isso... — disse elle. Mas se eu a acompanhasse á sua casa, até junto de sua mãe...
Ella oppoz-se.
Despediram-se.
— Até amanhã — disse elle.
— Até logo — corrigiu ella. — Já estamos num novo dia.
— Por certo!
— Não mudará de opinião quanto a mim, em algumas horas?
E tornaram a beijar-se como dois selvagens.
Viram-se no dia seguinte em casa della. Esperando na saleta, ao lado da moça, Julio ouvia uma voz aguda de mulher que gritava. Era uma voz que ia em "crescendo" e houve um momento em que, apesar da distancia, as phrases se tornavam intelligiveis. Falava sem duvida com os creados, porém, suas allusões não eram sómente para o serviço domestico. Falava com voz ensurdecedora acerca da "depravação dos costumes", dos "rapazes e moças de agora" e de cousas parecidas.
Depois fez-se um longo silencio. Julio contemplou Joanna, e, vendo-a pallida, estalou numa gargalhada.
— Coragem! — disse-lhe. — Depois de supportar tua mãe, terás que supportar a mim. Por minha vez supportarei a sogra.
Então riram-se os dois e, nesse instante, entrou no aposento uma mulher vestindo um traje antiquado e escuro, com o rosto enrugado e cabellos brancos.
Não respondeu, nem sequer com uma simples inclinação de cabeça, ao cumprimento de Julio. Fixou com insolencia o olhar no rapaz e, com calma inquisitorial, dignou-se a perguntar-lhe, sem deixar de olhal-o:
— O senhor dirá que motivo o trouxe por aqui...
— Oh! Nada de importancia — respondeu Julio. — Vim porque minha mulher fez questão que eu conhecesse minha sogra...
— O que? — bramiu a senhora.
Foram inuteis as imprecações que vomitou a bôa senhora. Nesse mesmo dia, Julio Margos e Joanna Garlo casavam, sem ostentação de genero algum e começavam a sua lua de mel, no appartamento do primeiro andar.

TRADUCÇÃO DE ANELÊH

Felicidade

Alguem me perguntou um dia o que era a felicidade.

Que cousa diff cil de responder!

Felicidade... Felicidade... quantas cousas invocas e fazes perpassar nos olhos do eterno peregrino que, caminhando pela estrada da vida, sonha com venturas illusorias, chimericas alegrias e corre em tua procura!

Felic dade! Quem poderá ao certo dizer que te viu e sentiu, se és tão fugidia e illusoria?! Quem poderá dizer, se tens a belleza do despontar do sol em uma manhã radiosa, ou se esplendes com a magnificencia de uma noite estrellada?!

Felic dade — interrogação muda do destino do homem. Desde os tempos primitivos és a deusa fria e sem piedade, que recebe o ho ocausto de lagrimas, sangue e vidas.

Perpassam os seculos, perpassam os homens, tudo se modifica, mas tu, Felicidade, continuas a ser sempre uma interrogação.

Felicidade — symbolo de glorias, opulencias e amor! A vida humana seria tão venturosa se vivida fosse eternamente comtigo! Não existiria, então, no mundo nem a lagrima, nem a saudade. Porém, como a um lindo dia succede, ás vezes, uma noite triste, e tendo tu, ó Felicidade! talvez sido creada de um pouco da manhã radiosa e de um pouco das gases da noite, como haverias de dar ao misero mortal eternamente o dia radioso?! Eis porque, ao mesmo tempo que sabes ser prod ga, trazes, pouco depois, a noite do soffrer. E o coração que sobre o fogo de tua luz viveu, lagrimas de dôr verte ao te ver partir, sem deixar uma esperança de que mais tarde voltarás e lhe darás outro dia radioso.

Talvez fôra me hor que nunca tivesses sido creada. Para que deslumbrar o coração com inauditas venturas, se ma's tarde tudo lhe será roubado?... se nelle não pódes para sempre ficar?...

Entretanto, talvez faças assim, para o misero sêr humano comprehender que para pagar as esmolas distribuidas por ti, só exiges um pagamento — o soffrer.

Que sei eu de ti, ó Fe icidade?... Tu que se me afigura linda como uma canção, cujos harmonicos sons inebriam e, mais tarde, no silencio dalma, ficam a tanger em recordação?

Que sei eu de ti, esquiva companheira do homem? Tu que desprezas pompas e miserias, sabendo trazer algumas vezes a maldição para o brilhante raro, emquanto transformas a humilde palhoça em verdadeiro paraiso...

Que sei eu de ti, deusa caprichosa e inconstante que vive dentro da etherea cathedral da esperança?

Talvez tudo, talvez nada.

. . . .

Felicidade — eu só te tenho vivido com a alegria de soffrer a lagrima de uma saudade...

MARIA DA CONCEIÇÃO WATZL

O ATTRACTIVO DOS CABELLOS ABUNDANTES

A belleza do cabello contribue poderosamente para o magnetismo pessoal das senhoras como dos homens. Tanto as actrizes como as senhoras da sociedade elegante estão sempre em busca de qualquer producto inoffensivo que augmente a natural formosura de sua cabelle ra. O remedio novissimo é usar stallax puro como shampoo por causa do brilhantismo, da suavidade e da ondulação que elle produz no pello. Como o stallax não foi usado nunca, até agora, para este effeito, só o recebem os droguistas em pacotes com sello or ginal, contendo cada um quantidade sufficiente para vinte e cinco a trinta lavagens de cabeça. Uma colherinha das de café cheia de perfumosos grãos de stallax dissolvido numa chicara dagua quente, é mais que bastante para cada shampoo. Beneficia e est mula grandemente o cabello, além do effeito embellezador que nelle produz.

Sr. Silvio Carlini, que acaba de ser nomeado director do "Mappin Stores"

Senhorita Adayr de Carvalho, Rainha dos empregados no Commercio

Legenda interior

(Poema de Harold Daltro)

Encantadoramente simples, com uma expressão profundamente delicada são os versos da **Legenda interior** do Sr. Harold Daltro.

Toda sua poesia é dedicada ás creaturas subtis, lindamente subtis, que adoram, perfumando-lhe a vida... E' a psychologia bem observada dessas creaturinhas trefegas que "têm phrases vagas que não dizem nada" e "parecem feitas de perfume e gase".

Os poemas de Harold Daltro passam pelos nossos ouvidos suavemente como phrases de namorados...

O amor por ser uma cousa essencialmente humana, melhor até que a vida, como quiz Wilde, é o eterno thema dos poetas... Mas, como uma cousa essencialmente humana, não poude deixar de acompanhar o seu espirito atravez dos seculos... O amor de hoje é uma alegria, é manhã de sol, é o palpitar de carne branca num vestido leve, é um beijo dado e esquecido: uma scena de film... Perdeu aquelle tom amarello de martyrio, que envenenava...

O livro do Sr. Harold Daltro sendo **Legenda interior** é bem uma linda legenda de amor... Monclair acha que o merito de um verdadeiro artista está em lhe tirar de um velho thema emoções novas... E é este jus-

Moda

No nosso inverno ha dias de meia estação. E varios. E frequentes. Os modelos acima, apropriados. Nem quentes em excesso, nem leves de mais. Agasalhando-se em termo medio é que se evitam resfriados. Assim, para taes modelos, kasha de lã, "tweed" fino. Ainda a alegria da primavera no colorido da blusa, na flôr da lapella ou na mescla de tons do "tweed".

---

tamente o caso do poeta da **Legenda interior**.

—

As imagens de mulher evocadas pela imaginação do poeta são uma visão de sonho, uma cousa subtil e distincta que a gente vê, deseja e não póde possuir... Este livro deixa na alma da gente um bem estar muito humano, porque o homem só é feliz quando deseja aquillo que lhe é impossivel...

O Sr. Harold Daltro deixa perceber em seu livro que o melhor amor não é aquelle que nos dá um prazer material e detalhado: o beijo numa bocca vermelha mostrando lindos dentes, a caricia de uns seios redondos e sensuaes, ou um corpo colleante como serpente... Mas, está no conjunto de uma mulher vaporosa, espiritual, que se vê sem vontade de possuir pelo prazer de sempre desejar...

Isso quanto á mulher...

—

Agora em relação aos aspectos da vida, esse fino espirito tem o mesmo modo de evocações subtis que lembra a suavidade do estylo de Luiz de Robert que, apesar do seu exegeticismo, quando falava dos passaros, ou do seu contacto com as flores e com os seus jardins, dava á sua alma o mesmo optimismo que havia na alma encantadora de Loti...

Tenho bem guardado na imaginação todo o encanto desse magnifico livro — **Legenda interior** — que mostra a vida e o amor por prisma superior, original, moderno e humano...

ORVACIO-SANTAMARINA

HISTORIA DA MUSICA
PELA SENHORA SCHUMANN HEINK

Mozart e

Madame de Pompadour

DE uma feita, chegando o pequeno Mozart a Vienna em companhia de seu pae, juntou o dinheiro de impostos tocando um minueto em violino, deante dos funccionarios publicos. Os funccionarios acceitaram a musica em logar do dinheiro.

EM Ybbs, no Danubio, Mozart conseguiu tocar em um orgão de um mosteiro. Os frades franciscanos, que se encontravam jantando em uma sala contigua, suspenderam a refeição e ouviram surpresos o que a creança prodigio tocava.

EM Paris, a orgulhosa e magestosa Madame de Pompadour collocou o joven Mozart sobre uma mesa depois delle ter tocado para ella, mas recuou quando elle a quiz beijar. "Até mesmo Imperatrizes me beijam", exclamou elle, indignado com a arrogancia da fidalga.

QUANDO Mozart, aos doze annos de edade, tocou em Napoles, a facilidade de sua mão esquerda era coisa tão surprehendente que o auditorio a attribuiu á feitiçaria de um annel de diamante que elle usava. Tirando o annel, tocou ainda com mais brilho.

Continúa no proximo numero

SCREEN GRID — PENTHODO

PHILIPS 2510

O Receptor com um anno de avanço sobre os demais.

Não é um apparelho commum, mas um super - receptor, screen grid, fabricado pela Philips, pioneira das valvulas screen grid e penthodos.

A simplicidade de manejo e a facilidade de escolher e receber as estações com grande volume, só pódem ser apreciadas com receptor PHILIPS, 2510.

Venham assistir ás nossas demonstrações diarias, das 13 ás 17 horas — Edificio "A Noite" — 11° andar — RIO

PHILIPS 2510

O RECEPTOR DE 4 VALVULAS

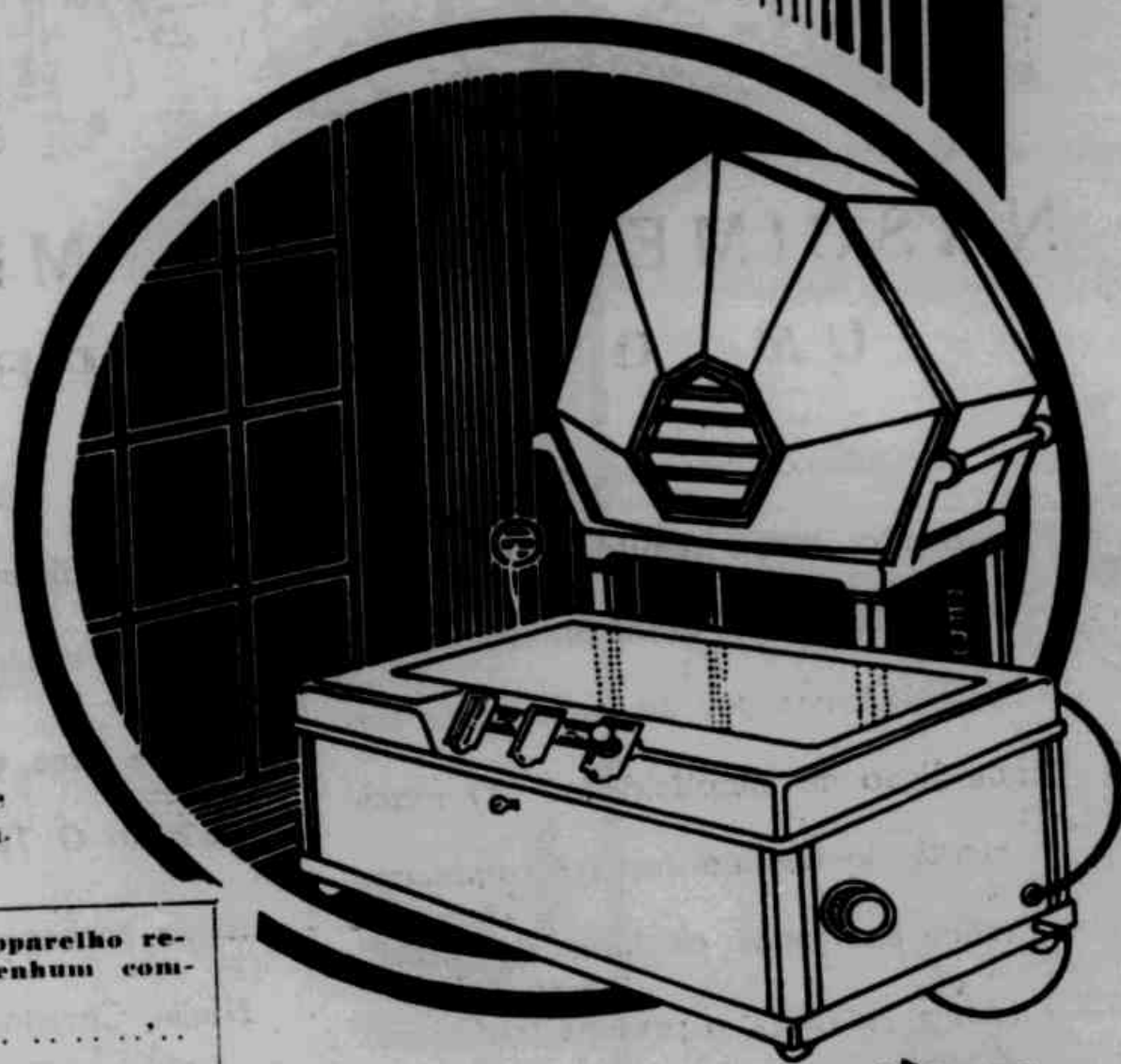
O vencedor na Exposição Olympia de Londres e Ibero Americana de Sevilha.

Desejo uma demonstração de vosso apparelho receptor 2510 não acarretando isso nenhum compromisso

Nome: .. ..

Rua: .. ..

Cidade: .. ..

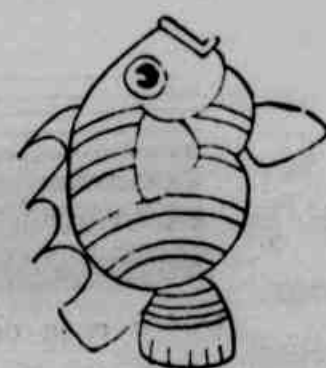
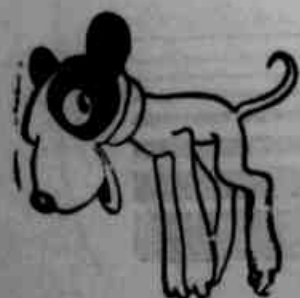
Demonstrações só no Districto Federal. P. T. 830

Córte este coupon e envie á S. A. Philips do Brasil. — Caixa Postal 954 — Serviço P. T. — Rio.

O NASCIMENTO DO MENINO JESUS

UM GRANDE PRESEPE

Escolhendo para logar de seu nascimento uma humilde mangedoura da cidade de Bethlem, na Judéa, Jesus-Christo deu ao mundo uma linda lição de simplicidade. O nascimento do Menino Jesus é commemorado, em todos os lares do Brasil, com a ladainha, o presepe tradicional e a arvore de Natal, cujos frutos são os brinquedos cobiçados pelas creanças.

E é para que em todos os lares do Brasil não falte um presepe que *O Tico-Tico*, todos os annos, publica, em suas paginas centraes coloridas, essa tradicional scena da vida de Nosso Senhor Jesus-Christo.

Este anno, o presepe a ser publicado pelo *O Tico-Tico* é uma maravilhosa concepção do laureado artista Niels Christophersen. De grandes proporções, com muitas figuras e magnifica visão de conjunto, o Presepe de Natal, cujo modelo encima estas linhas, começará a sahir nas paginas d'*O Tico-Tico* de 27 de Agosto em deante.

Variações Sentimentaes...

VIDA

AQUELLES contos orientaes que falam de princezas e de principes, de amôr e de ternura, vincam na nossa memoria uma impressão bôa de felicidade e de sonho...

Na meninice a gente os lê, encantada.

Os quadros bonitos, as passagens cheias de luz e de belleza ficam na nossa imaginação como uma realidade que virá...

Depois os annos chegam, desfilam. Os olhos abrem-se admirados para a immensidade desconhecida...

Surpresa.

Tumulto.

Angustia.

Desmoronamento de tudo...

(Os que chegaram primeiro, sorriem...)

NOCTURNO

A rua adormece devagar. O silencio vem chegando.

Serenidade na luz que se derrama nas calçadas, serenidade na sombra que não se mexe do logar...

No céo cheinho de estrellas não cabem todos os sonhos bons das creaturas...

Não ha ruido.

O silencio grita aos ouvidos da gente.

E a rua toda inteira adormece, no meio da vida que parou...

INSTANTANEO

A MULHER dos olhos cansados deu um geito ao cabello e veio falando da sua vida, olhando distrahida para as pessoas que passavam.

Desde longe. Foi buscar farrapos de lembranças já apagadas na distancia do tempo. A sua meninice. A sua adolescencia feliz. O violinista que foi o seu amôr, com quem se casou, o violinista sempre de negro, tocador de valsas no cinema em que ella teclava no piano...

Suspirou. Umas lagrimas grossas escorreram dos seus olhos silenciosos.

Calou-se.

Ninguem acreditou...

DANTE COSTA

O Despertador

O GRANDE milagre da infancia, é que tudo existe para uma criança: tudo lhe acontece; toma conhecimento do tempo que faz; é um recem-vindo, é um extranho. Tem o divino dom de se surprehender que lhe auxilia a descobrir o mundo; verifica-o sem cessar; vive num estado de vigilancia inaudita. Observem-na num jardim: ella pertence ao que a rodeia, vê a casa entre as arvores, e o pombo pousado no telhado, e que a claraboia do celeiro está aberta, e que falta uma ardosia junto da chaminé. Essa flor que para nós é apenas uma vaga mancha rosa, que mal avistamos, a criánçá a investiga, penetra-a, descobre nella mil sinuosidades, um labyrintho maravilhoso, uma diversidade inesgotavel. Ella vê sobre aquella grande peonia, o pequeno insecto agarrado que a atravessa com cudado, com solicitude, com lentidão e tão amiga da infima formiga, que a flor toma para ella a mesma amplidão que tem para o insecto. Depois, deita-se no chão e explora os golfos do rego, as florestas de herva, todo um Lilliput assombroso, tão denso e tão minucioso que o que não é para nós mais do que um recanto de jardim, é para ella uma vivenda immensa. Levanta-se em seguida e olha o vôo de uma andorinha, com tanta sympathia, que remexe as pequenas mãos, grita em unisono com o passaro, vôa, quasi, no logar delle.

Ella ainda é, tão pouco, um ser humano, a sua alma está ainda tão pouco installada nella, continúa tão livre e tão disponivel, que habita todas as coisas e se substitue a todos os sêres... Os antigos apresentavam o deus Protéo como um velho; mas os traços pueris não lhe convinham melhor.

A criança sente tudo; as palavras entrecortadas que ella nos diz e que nós nem escutaremos, são a narrativa desageitada de uma série de sensações tão faustosas como as dos maiores poetas. O proprio tamanho da criança é uma vantagem. Tudo está, para ella, numa outra escala; ella vê tudo um pouco mais de perto, com um olho japonez, com uma especie de myopia prodigiosa. Nós não temos noção como esses poucos centimetros de altura que ganhamos nos afastam das coisas humildes, de sorte que não conservamos dellas mais que uma especie de vista geral, cheia de desdem e de insufficiencia. Ignoramos o minusculo infinito que vive aos nossos pés. E tambem nos habituamos ao mundo. O habito é odioso. Com o pretexto de garantir a nossa segurança, de simplificar o nosso trabalho afastado o perigo, o habito esgotta o prazer, nos dispensa de viver; tomar um habito é envelhecer.

Nós nos fizemos tão differentes e nos distanciamos tanto da nossa infancia que não a recordamos mais siquer. Nenhuma lembrança authentica móra comnosco. E, quando vemos uma criança, não sabemos falar com ella.

Nós não sabemos falar com ella! Nós, quero dizer, os homens. Pois ha entre as mulheres e as crianças um entendimento instinctivo eterno. E' sabido que de todos os autores que se têm proposto escrever para as crianças, não se conta quasi nenhum que conseguisse encontrar o caminho dessas pequenas almas e a maior parte, para se pôr ao alcance dellas, não inventou outro meio que o de fazer, um pouco, o bôbo. E', tambem, uma coisa commovente de se vêr o embaraço em que ficam, diante das crianças, certos homens de estudo que a meditação, os livros afastaram dos sentimentos e das expressões espontaneas. Mas esses casos são raros. Ha qualquer coisa de tão mediocre no fundo de quasi todos os homens que elles, quando falam ás crianças, procuram sempre abusar das suas vantagens e brilhar facilmente a custa do pequeno ouvinte. Nada é mais horrivel. As crianças não comprehendem a ironia, olham com repugnancia o senhor que lhes fala sem naturalidade e que não põe o coração nas suas palavras; isso os constrange e gela. Devemos crêr em tudo que dizemos ás crianças, porque ellas

creêm em tudo que lhes dizemos. Ellas não se defendem, ellas se expõem, entregam-se. E é isso que devia tornal-as sagradas aos nossos olhos. E' assustadoramente facil fazel-as chorar. A palavra que lhes dirigimos negligentemente tem, para ellas, uma força incrivel e as fere como uma bala; as palavras têm para ellas tudo que contêm; ellas não sabem nada ainda; o futuro lhes parece tão vasto, tão commodo, tão indeciso que guardam nelle, confiantes, todas as esperanças, as mais disparatadas; somos nós que lhes advertimos do destino.

O prestigio das crianças é tão extraordinario que ás vezes, ouvindo palavras que nos revelariam, si dessemos attenção, um futuro avarento ou uma futura mulherzinha má, esquecemos de observar e achamos as phrases gentis, por amor da pequena bocca que as pronuncia. Mas ha um momento em que o encanto acaba. E' quando a criança começa a ir á escola. Desde então ensinam-lhe a lêr o mundo em vez de sentil-o. Parece que as fadas, no meio das quaes ella vivia, acompanha-a pela ultima vez até á porta do collegio e lhe diz adeus para sempre.

O encantamento em que ella vivia é substituido pelo vaidoso prazer de recitar uma fabula. E' verdade que a fabula tem uma moralidade. Mas, isso mesmo, mostra que a criança entrou para um mundo mais limitado, mais difficil do que aquelle que deixou; até então ella não precisara de moralidade e vivera acima do bem e do mal, vivera na innocencia. A idade maravilhosa acaba. As crianças assemelham-se ás macieras que se cobrem bruscamente de flores.

— Cada uma, — diz-se, — promette uma maçã; que colheita se vae fazer!

Mas a maior parte das corollas tombam num dia, e nada mais resta do que uma arvore sem importancia, que fará sem prestigio o crescimento das suas folhas e a lenta elaboração de alguns fructos.

Assim se desfolha a alma das crianças. Aprendem a differençar o signal "arvore" e o signal "casa", mas não sabem mais que a casa que habitam é toda patinada pelo sol e que a arvore do pateo é uma velha acacia vaporosa que parece bordada em relevo sobre o azul. Por fim, em tres quartos de homens, os sentidos se atrophiam, as orelhas servem apenas para ouvirem o que lhes dizem, os olhos para ver o carro que os esmagará; tornam-se, por assim dizer, cégos do gosto e do olphato. Não possuem mais a nobreza particular que nos confere uma sensualidade um pouco rica; a vida é mais limitada, menos importante. A maior parte dos homens não tem de que lastimar a sua meninice; foi o momento na vida em que tiveram melhor apparencia; esse bronco, esse estupido cuja convivencia nos é desagradavel tinha, aos seis annos, olhos mais transparentes do que o crystal, cabellos abundantes, um lindo rosto enganador. Muita gente não augmenta crescendo e o desenvolvimento é apenas uma diminuição; não se tornam maiores, — tornam-se só mais corpulentos.

Mas é preciso accrescentar alguma coisa ainda. Não se trata só do despojamento, do empobrecimento que soffre a nossa sensibilidade ao sahir da infancia; mesmo que ella se mantenha rica não terá a mesma liberdade.

O amor intervém e, desde a adolescencia, declama-a quasi toda para elle, escolhendo, pelo menos, a parte do leão. A puberdade é para o nosso sêr um transtorno tão prodigioso, um tal desabamento de valores, um renascimento tão completo que as nossas recordações de facto, são as dessa idade.

A innocente-infancia é recalcada, escondida. Não podemos mais gastar thesouros de sensibilidade por causa de uma borboleta ou de um passaro.

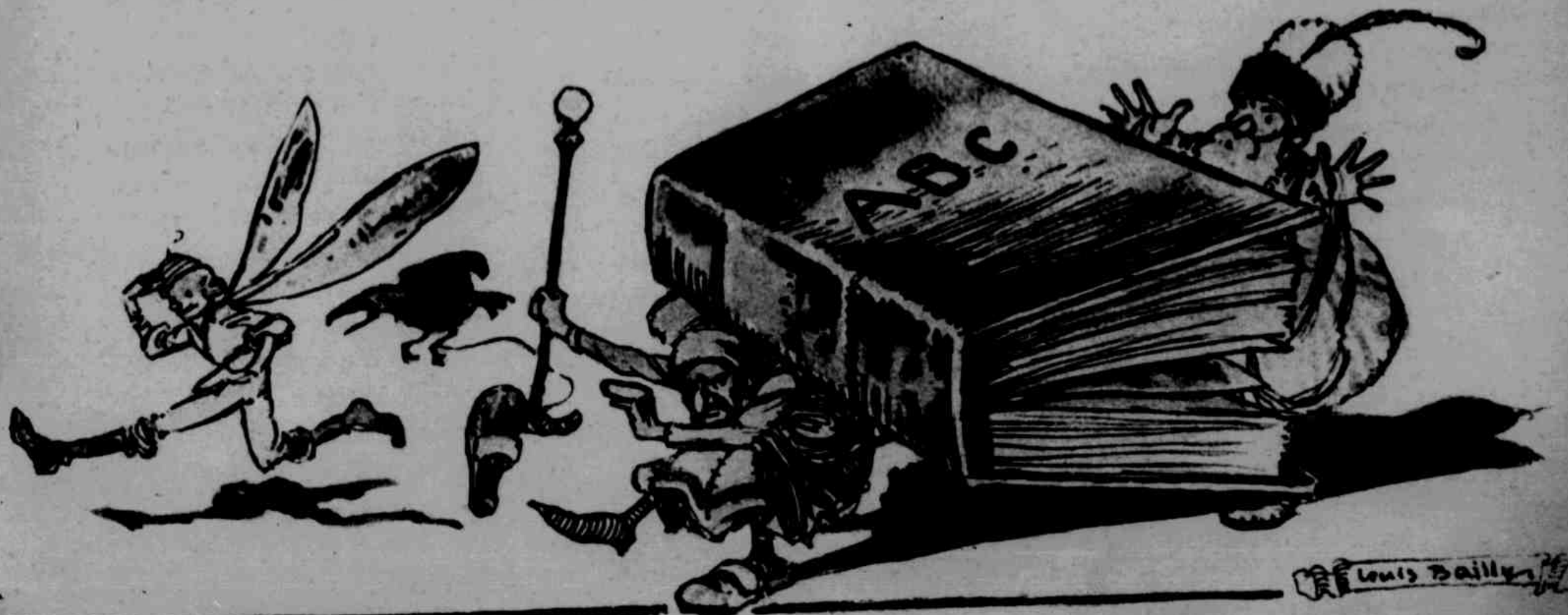
Toda a nossa emoção é dirigida e retida pelas mulheres.

E' nellas que reencontramos o curso do riacho, a linha da collina, o movimento dos ramos, tudo que não olhamos mais, a natureza só serve, então, de fundo para os seus retratos. Taes são as exigencias do amor. Mas, si meditarmos, veremos que nem por isso deixam de ser precisas todas as emoções que elle nos prodigaliza para nos consolarmos da perda do paraiso da infancia.

Abel Bonnard

Illustrações de

Luis Bailly

SOBRE O CINEMA FALADO

JEAN COCTEAU disse: — Breve havemos de nos rir dos films mudos, das boccas que se movem em silencio. E' pena que as questões de *trust* impeçam que á descoberta do relevo (que existe) se junte a da palavra. Em *Alleluia*, a obra prima do film commercial, — eu assistia na Madeleine, uma manhã, — o irmão clamava *rue Vignon*, emquanto que a minha boa vontade não o imaginava *mais longe que os bastidores*. A obra-prima de Bunnel: *Um Cão Andaluz*, prova que o cinema é uma arma perigosa e maravilhosa nas mãos de poetas. Bunnel trabalha num film falado; devemos esperar delle um desses pontos de partida aos quaes os jovens voltam quando o progresso, a facilidade de agir condemnam, como todo conforto, a alguma insipidez. Como os primeiros Chaplin, os primeiros Far-West, os films de um Bunnel tomarão forças e se tornarão grandes á proporção que se imagine que estão fóra de moda. (Imagens mais dramaticas, contraste da platitude visual e dos relevos sonóros, vozes mais asperas, etc...) Pedem-me desenhos animados.

Ouso apenas empregar esse prodigio. Um caricaturista póde abandonar os desenhos intermediarios a subalternos; eu não poderia. E', penso, um trabalho immenso, uma fonte de risos absurdos e de malentendidos de tornar louco. Eu desenharia uma tragedia, mas não bastaria que os meus desenhos se mexessem. Faltaria ainda uma animação cuja singularidade seria a mesma que a dos desenhos. O exemplo do disco me prova que a poesia aborda um mundo desconhecido. *O papel subalterno das machinas vae desapparecer. Tratar-se-ha de collaborar com ellas.*

M. MAURICE MAGRE

M. JEAN COCTEAU

Na Columbia, eu gravei alguns poemas. Ora, em vez de me contentar com uma photographia da minha voz, eu mudei de voz, procurei um timbre que permitisse á machina falar sem a impressão de ser um éco. Esses discos tornaram-se pois objectos sonóros; tornam illegiveis os poemas gravados, e provam que será preciso, agora, poesias e musicas das quaes as firmas de victrolas serão os unicos editores.

Voltando ao cinema falado, é certo que a palavra, o relevo, a cor conduzirão a uma forma de arte ignobil; mas todas as formas de arte são ignobeis, o theatro á frente, e só existem pelo excepcional.

P. S. Acabo de revêr *A Girl in every port*. E' interminavel!

De um sentimentalismo odioso. O film *Alleluia* terá rapidamente a mesma sina. Nós nos maravilhamos com as imagens que se movem, com o mégaphone, mas esses films correspondem á peor literatura.

Eis porque, cada vez mais, o film deve ser um vehiculo poetico.

Maurice Magre disse: — O cinema com ou sem palavras é ainda uma arte na infancia. Para se desenvolver elle deve, antes de tudo, deixar de ser systematicamente a imagem da estupidez moderna. Espanto-me sempre com a escolha dos assumptos. Vêem-se, muitas vezes, bellas formas de execução estragadas pelos resultados de ultima ordem. O publico vaia frequentemente as inepcias que lhe apresentam. Elle aspira outra coisa. A culpa de tanta mediocridade deve cahir sobre os *metteurs en scene* que trabalham unicamente para vêr as suas producções acolhidas pelos compradores de films. Creio que bellas obras de arte poderão ser realizadas, mais tarde, pelo cinema, quando os directores abandonarem a convicção de que devem dar ao publico as mesmas convenções e as mesmas pobrezas.

No Palace Hotel, quando foi o "vernissage" da exposição dos Artistas Brasileiros. Essa exposição, inaugurada dias antes do Salão Official apresenta trabalhos de muitos artistas que tambem figuram na Escola de Bellas Artes. E' um "salão" tambem, apenas mais independente e mais cordial na acceitação dos trabalhos.

Abertura da exposição do pintor pernambucano Murillo Lagreca na Casa Canetti, Avenida, com a presença de senhoras, senhoritas e collegas cariocas do artista.

Almoço do Rotary Club, no Palace. Como sempre cheio de optimas suggestões á hora da sobremesa.

Sessão de posse da nova directoria da Associação da Mulher Brasileira, que progride notavelmente.

No Praia Club

Tres photographias apanhadas sabbado da outra semana, durante a linda festa intima que realizou o veterano dos clubs atlanticos.

Copacabana

Foot-ball internacional

Dois instantaneos do jogo dos Yugo-Slavos com o scratch brasileiro que foi o vencedor por 4 X 1

O Bom Juiz

Por TRISTAN BERNARD

Illustração de HENRI GERVÈSE

O REI Salomão se aborrecêra com o barulho que o povo de Israel fizera em torno da sua famosa sentença.

— Não têm nada que dizer, — exclamavam os seus cortezões, — é o que se póde chamar um julgamento admiravel.

Depois, pouco a pouco, foram esquecendo o assumpto. Por outro lado, nenhum caso novo nem difficil apparecia para ser submettido á sagaz apreciação do juiz.

A autoridade do rei Salomão atemorizava os litigantes. Com receio de um veredictum sem appellação, não ousavam se apresentar diante delle e transigiam sempre.

Os cortezões repetiam constantemente que era para lamentar que um juiz tão notavel não tivesse o que julgar.

Ora, uma manhã, quando o rei chegava a palacio, o levita sahiu, correndo, ao encontro delle:

— Rei todo-poderoso, — exclamou o levita, — estão lá dentro dois homens furiosos á espera de Vossa Majestade. Debatem-se por causa de uma velha mulher. Aguardam impacientes a palavra de Vossa Majestade.

— Ah! que coisa desagradavel, que importunos! — disse o bom juiz apressando alegremente o passo.

Depois que o rei se sentou no throno magnifico (provavelmente presente da rainha de Sabá) o levita mandou entrar os dois homens e a velha. E eis o que Salomão aprehendeu da causa, não sem grande trabalho, pois os dois homens falavam ao mesmo tempo e com uma grande vehemencia.

Um dos homens, vendedor de trigo, casara-se, quinze annos antes, numa região da vizinhança. Tendo perdido a mulher, voltára a residir na cidade. A sogra, cahindo na miseria, viera pedir ao genro o asylo a que tinha direito na sua casa, segundo a lei de Israel e dos povos vizinhos. Mas, enganada por uma semelhança de nome e de rosto, fôra ter em casa de um outro individuo, que, naturalmente, não quiz saber della e a reenviou ao verdadeiro genro, que, por sua vez, pretendia insolentemente não haver nunca lhe desposado a filha.

Os dois homens, postos face a face, estiveram em ponto de brigar. Mais, cada um delles estava amedrontado com a coragem do outro; e decidiram se submetter ao julgamento do sabio Salomão.

Salomão recolheu-se um instante, o rosto nas mãos profundas. Em seguida, levantou a cabeça e disse gravemente aos dois homens:

— Não vejo, nos documentos que os senhores me trouxeram, provas sufficientes para designar qual dos dois casou, ha quinze annos, na região vizinha. Entretanto, esta mulher fala com a firmeza da verdade. Ella não está enganada sobre um dos senhores. Mas, qual dos dois? Mande vir um dos guardas do palacio!

E quando o guarda se approximou:

— Dividam esta mulher em duas, disse o bom juiz, e que cada um destes homens leve uma das metades!

— Ah! é horrivel! exclamou um dos homens.

— A vontade do rei, disse o outro, é sempre equitativa. Que a dividam em duas. Cada um de nós levará a sua parte.

— Basta! exclamou o rei. E' você o verdadeiro genro. E' você que a levará inteira.

E a audiencia foi suspensa.

UMA TARDE DE CHÁ DA PEQUENA CRUZADA

Festa que Sylvia Gasparoni Daudt de Oliveira offereceu, no dia de seus annos, a um grupo de amiguinhas e amiguinhos.

Movimento musical

O concurso de violino, ultimamente realizado no Instituto, para Premio de Viagem, poz, mais uma vez, em evidencia o nome de duas das nossas violinistas mais applauidas: Messodi Baruel e Yolanda Peixoto, a primeira, temperamento excepcional, que a extrema dedicação de Francisco Chiaffitelli apura e orienta presentemente; e, a segunda, a menina dos olhos de Humberto Milano, que nella tem o seu orgulho mais legitimo.

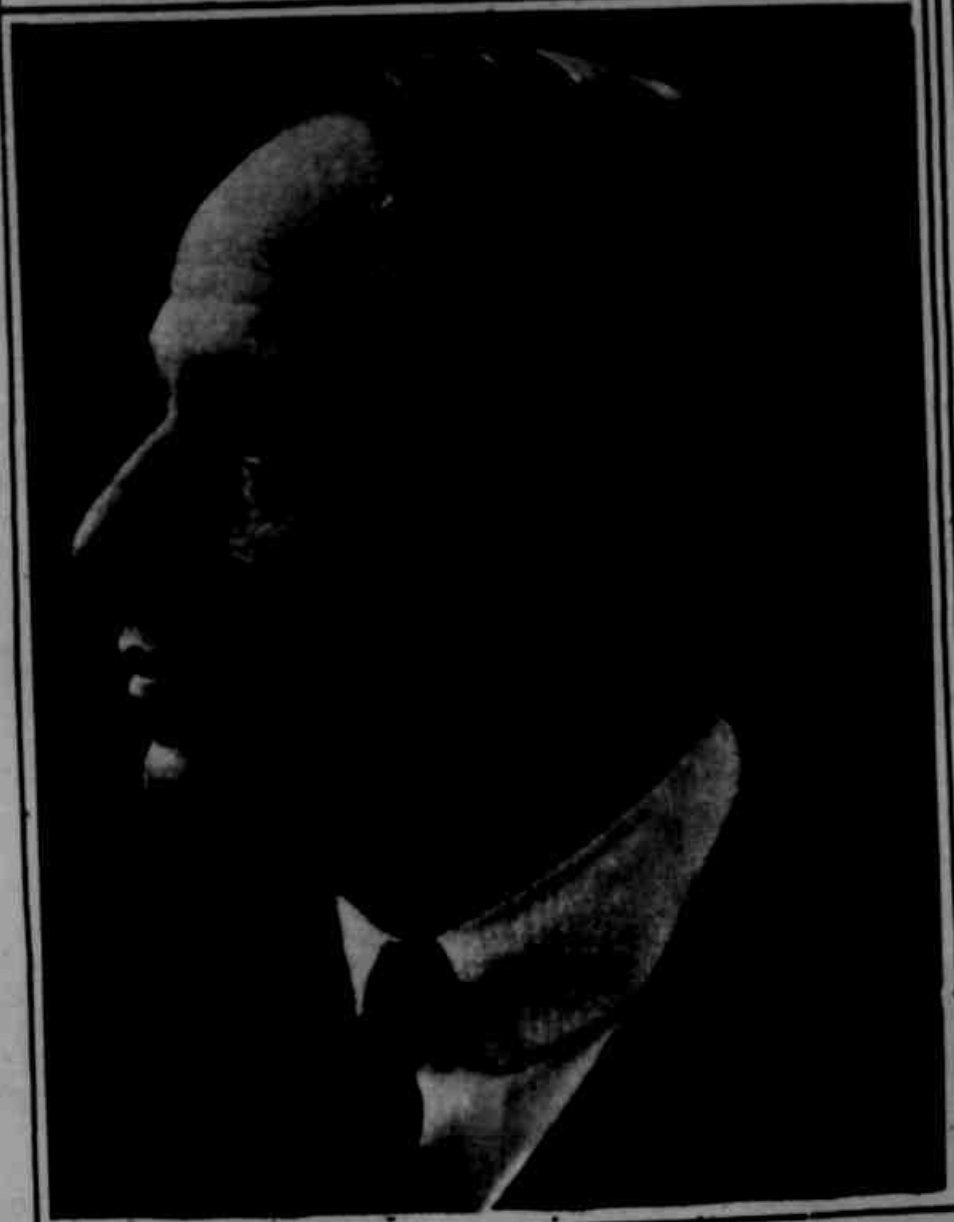
Para chegar até nós, vieram-nos de muito longe. Yolanda nasceu em Porto Novo do Cunha; Messodi, em Parintins, lá no longinquo Amazonas.

Uma, traz na alma o rumor cascateante do rio Parahyba; a outra é o reflexo tumultuoso do rio-mar, onde as lendas mais encantadoras deste mundo lhe embalaram os primeiros somnos, para se infiltrar no seu temperamento de artista.

O violino de Yolanda é uma vibração cheia de nervos agitados. Quando elle fala, fala a alma da violinista, através de um espirito radioso, vivo, perscrutador e desinquieto...

O violino de Messodi é, talvez, o unico confidente de sua alma de artista. Só elle explica o mysterio que produz aquella sonoridade de ouro; só elle conhece o segredo daquellas interpretações, cheias de vibratilidade e de sonho...

Messodi e Yolanda são dois nomes caros ao coração do nosso pequeno meio musical. O concurso não lhes revelou o valor. Confirmou-o nas apotheoses de applausos que receberam.

MESSODI BARUEL

YOLANDA PEIXOTO

Nicolino Milano volta ao Rio, depois de uma longa ausencia. Aqui realizará um concerto. O nosso meio musical deve acolhel-o como acolhe as grandes celebridades que nos visitam. Melhor ainda, porque se trata de uma celebridade que é brasileira e que vive honrando o Brasil no estrangeiro.

Nicolino Milano aqui chegará a 16 deste mez, vindo directamente de Paris.

O PASSARO QUE FOI PRINCIPE

POR
OLEGARIO MARIANNO
Illustração de
PAULO WERNECK

A POESIA das lendas brasileiras, penetrando a alma popular na sua crendice superstíciosa, tem sido um vehiculo admiravel para a educação da nossa sensibilidade.

Cada lenda amazonica representa uma pequena historia de amor que as creanças, os moços e os velhos ouvem de palpebras cerradas, como se ouvissem de novo os contos da carochinha na palavra tremula de uma avó ou de uma mãe-preta, em serões de familia. A Yara, o Bôto, o Curupira, o Caapora, o Yrapurú e tantas outras.

Confesso que nenhuma dellas me commoveu tanto quanto a historia do Passaro que foi Principe. Quem ma contou teve a fortuna de ouvil-a muitas vezes no silencio da matta amazonica, quando elle, pequenino e humilde, dominava a frondaria toda, fazendo com que os outros passaros ficassem mudos e extasiados deante de tanta melodia.

Para Humberto de Campos, num soneto, elle é o "Orpheu do seringal tranquillo", Orpheu que foi principe. Transmudado, de repente, num passaro, depois de haver perdido, em renhida batalha, o seu castello e os vassallos que o adoravam, leva agora a vida solitaria daquelle rouxinol de que fala Fialho — "cantando as tristezas do exilio, as recordações da felicidade e as santissimas legendas da familia".

Os vassallos, por sua vez transformaram-se em formigas para proteger a arvore onde o Yrapurú faz o ninho.

Ao cahir das tardes no alto Amazonas, quando o seringueiro volta á casa depois de um dia de canceira, pára commovido em meio da picada a ouvir o cant omagico do Yrapurú, porque vê na v i d a do passaro triste, o symbolo do seu proprio isolamento e ouve na voz que chora, a saudade de alguma princezinha que o Destino não quiz ainda desencantar do fundo dos igarapés para o fundo dos seus olhos...

Chegada de Didi Caillet, a encantadora Miss Paraná de 1929, que voltou ao Rio depois de alguns mezes que foram longos para os seus amigos cariocas. Veem-se no cliché o escriptor Albertus de Carvalho, Didi Caillet, senhorita Proença Gomes, senhora Pedro Calmon e senhora Marina Caillet.

Xenomania

Eu daqui do meu exilio estou " assumptando " só. Estou vendo a discussão do pessoal carioca, dos jornaes, das revistas, sobre o urbanismo do seu Agache. Entretanto, de tantos que se levantam em pró ou em contra os planos do illustre engenheiro, ainda não encontrei um que mereça minha approvação, meus applausos, pelo acerto dos seus argumentos. (Póde ser que estes applausos não tenham valor agora, porém, mais tarde, talvez o tenham e bastante...)

Nenhum delles merece meus applausos porque, duma fórma ou d'outra em pró ou em contra, a xenomania é a que impera. Pura imitação. A discussão gira sómente em torno das concepções americanas ou francezas. Tanto um bando como outro, limitam-se a defender gostos estranhos a nós. Ninguem, absolutamente ninguem, se lembra de dizer ou conceber qualquer cousa nacional. Ninguem se lembra de convidar a fazer alguma cousa genuinamente brasileira, inventada por nós, brasileirissimamente. Ninguem...

Ninguem, não. Existe um, graças a Deus, e esse um sou eu. Eu que mando ás favas o francezismo, o americanismo, o fascismo, o communismo, o republicanismo positivo, regimes politicos importados e que da mesma fórma faço com o urbanismo, com as construcções, com a arte...

Eu não entro nessas discussões porque eu só gosto do que é nacional e quero reformar duma fórma nacional. O que fôr velho e feio eu invento, idealiso, concebo reformal-o á minha moda. A moda brasileira...

CABANAS

Baptisado de Sergio, filhinho do casal Lucia Branco — Tenente Attila Soares, na egreja da Candelaria

Horace Britt, violinista, breve.

Walter Rummel, o grande pianista moderno da Allemanha, que dá hoje no Lyrico o seu primeiro recital.

London String Quartett que estréa no mez de Setembro

Marilia Baptista vae cantar hoje de tarde, no Casino, coisas do Brasil e algumas compostas por ella mesma.

RENÉE DE SAUSSINE

Renée de Saussine, que vae dar um concerto quinta-feira proximo, é uma **descoberta** do publico do Rio. Em 1927, quando a joven violinista se fez ouvir aqui, foi a bem dizer o seu primeiro contacto com o ambiente habitual dos "grandes espectaculos do som". No Theatro Municipal, ante a sua platéa sabidamente esclarecida e difficil, celebrou-se o baptismo da consagração para a **virtuose** cheia de talento e sensibilidade que é Mlle de Saussine.

Guardam ainda, os que a ouviram, a memoria de seu temperamento flexivel, de sua technica transparente e agil, atravez dos quaes a creação artistica, de Bach a Stravinsky, se revela em toda a crystalina pureza de suas physionomias caracteristicas. E não esqueceram tambem, esses mesmos, aquelle exquisito presente dos **Tziganes**, de Ravel, inedito para o Rio, e a que o arco milagroso de Renée emprestou um prestigio de apparição, tal o colorido, a limpidez, o sopro humano, o tumulto preciso da inconfundivel architectura sonora realizada pela sua interpretação.

Restituida a seu bello paiz, Renée de Saussines tem a consagração daqui confirmada pela chronica parisiense que lhe reconheceu immediatamente as qualidades fundamenttaes de "violinista de talento" e de "temperamento brilhante", como, ainda faz pouco, a chamou o severo critico do **Guide Musical.**

Agora Renée de Saussine volta ao Rio e promette um recital. Para o grande publico será o seu reapparecimento. Para uma pequena **élite**, entretanto, o prazer de ouvil-a de novo antecedeu o concerto promettido, por iniciativa do Exmo. Sr. Embaixador Morgan. S. Ex. reuniu, ha dias, na Embaixada dos Estados Unidos, duas dezenas de amigos em torno de Mlle de Saussines, para um jantar, depois do qual, durante uma hora, a pequena assistencia se deixou encantar pela virtuosidade e pela intelligencia da notavel artista. Mozart, Debussy, Ravel, Villa-Lobos, Stravinsky, Falla passaram, ouvidos com enlevo que culminou no maravilhoso **Nocturno e Tarantella** de Szymanowski, em primeira audição, encerrando-se a linda festa com as variações sobre o **Luar do Sertão**, canção de Catullo, que Renée de Saussines recolheu com fina intelligencia.

O exito alcançado por essas duas composições levou-a, de certo, a incluil-as no programma do seu concerto, que vae reunir os seus numerosos amigos e admiradores, contados não só entre artistas brasileiros como na sociedade do Rio, onde Mlle. de Saussine — filha dos illustres Condes de Saussine e cunhada do Conde de Robien. Encarregado de Negocios da França no Brasil — é sempre acolhida como uma legitima representante da austera aristocracia do Faubourg Saint-Germain.

E' o seguinte o programma de seu recital a realizar-se quinta-feira (dia 20) ás 17 horas, no **Theatro Lyrico:**

I — "Ciacona", de Vitali; — Aria, de Bach; — Rondó em sol maior, de Mozart-Kreysler.

II — Concerto em sol maior, de Mendelssohn.

III — a) "En bateau", b) "Minstrels", de Debussy; — "Nocturne et Tarentelle", de Szymanowski; — "L'oiseau de Feu" ("Berceuse" — Supplications de l'oiseau") de Stravinsky; — Tango caprichoso, de Francisco Braga; — O luar do sertão (variações sobre a popular canção de Catullo) de Renée de Saussines; "Zigeunerweiser", de Sarasate. — F.

Miss Portugal

Senhorita

Fernanda

Gonçalves

Com

sua sobrinha

Numa praia
do Norte de
Portugal

Com duas amigas na praia de
São Pedro de Muel

A linda hospede do Brasil

Jantar que a Colonia Portugueza offereceu no restaurante Rio Minho ao seu illustre patricio Dr. Nuno Simões, uma das grandes personalidades novas do Paiz irmão.

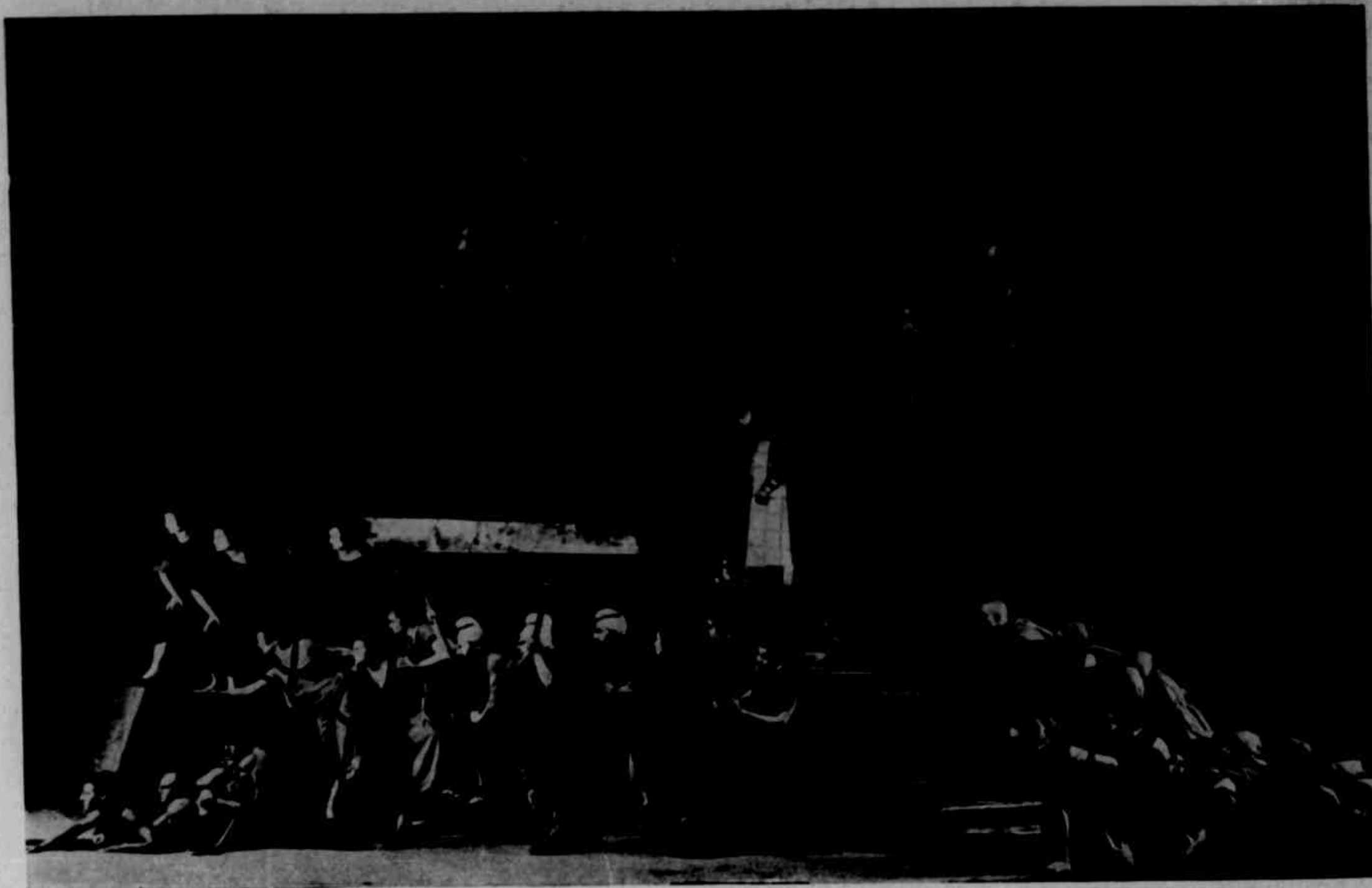
Pequenos poemas de Rabindranath Tagore

O silencio guarda a tua voz como o ninho guarda os passaros adormecidos.

O que tu és, não vês. O que tu vês é a tua sombra.

O peixe na agua é calado. O animal na terra é rumoroso. O passaro canta no ar. Mas o homem tem nelle mesmo o silencio do mar, o barulho da terra, a musica do ar.

SE fechares a porta a todos os erros, a verdade nunca entrará na tua casa.

SE te pões a chorar sempre que o sol se some, nunca has de ver as estrellas.

Baile Caipira do Club Hygienopolis de São Paulo

Scena de uma das peças transformadas, montadas e dirigidas por Alexander Tairof, e que vamos ver e ouvir em Setembro, no Municipal.

T h e a t r o

Olga Navarro. Se tivesse nascido no tempo de São Francisco de Assis, estava hoje no céo. E a gente sabia, com certeza, uma chusma de orações para Santa Olga, padroeira dos exaltados. Nasceu muitos annos depois. Com o pequeno nariz espiando as nuvens e os olhos grandes parados na vida, ella é a namorada do mundo. A melhor namorada do mundo. Gabriele D'Annunzio traduzido em feminino e em brasileiro.

Andrée Champeux, uma das actrizes da Companhia Spinelly, que está agora encantando S. Paulo.

Senhoritas Ogarita dell'Amico, Susy Motta, Padua Soares, Leda Lorena Boisson, Olga Praguer, Gilda Abreu, Igia de Macedo Soares, Eros Machado e Lelia Simões, Boison Santos, Senhores Alvaro de Miranda Ribeiro e Mafra Filho, que tomaram parte no espectaculo inaugural do Theatro de Gente Nova.

A lição da experiencia

Realizou o Theatro da Gente Nova seu primeiro espectaculo. Do exito artistico occupou-se largamente a imprensa diaria. Dispenso-me, pois, de maiores considerações, de xando, porém, consignado aqui que o brilhante successo dos inspirados artistas e, conseguintemente, da iniciativa. constituiu uma das mais fundas e maiores alegrias da minha vida. Meu object.vo foi plenamente a cançado logo no começo de execução do plano que tracei.

Lançada a idéa não faltou quem me advertisse do erro em que eu cahira... As moças e rapazes de sociedade, obtemperavam, de merito indiscutivel, enthusiastas, embora, do theatro, de modo algum tomariam o compromisso de frequentar ensaios e perder determinadas tardes e no tes, as tardes e as noites dos espectaculos em que tivessem de representar. Eu ia ter a amarga experiencia... E me arrependeria...

Não foi assim. Não errei, não me arrependi! Ao contrario, agora, mais do que nunca, vejo aberto deante de mim um campo, vasto e amplo, de possibilidades ill mitadas. Só encontrei pessôas de bôa vontade e, escolhidas as figuras que deviam inaugurar a temporada, nem uma só vez vi contrariada ou alterada a ordem dos trabalhos por fa'ta, negligencia ou excusa de qualquer dellas. Foram, todas, de uma solicitude captivante, e não poucas vezes, legitimos interesses individuaes tiveram de ser prejudicados, para attender ao nosso horario de ensaios.

Assim foi, por exemplo, com as senhoritas Padua Soares. São cinco. Falavam-me dellas como elementos de valia. Fui procural-as na Escola Padua Soares, na Estrada Velha da Tijuca. Recebeu-me a Sra. Padua Soares que, desde logo, gentilissimamente, me prometteu o concurso das filhas que, todavia, estão entregues ao estudo de varias materias, aprimorando o conhecimento de varias sciencias. E fiquei conhecendo, então, a ingente obra da Sra. Padua Soares, um espirito de larga e bella visão. Fundou a Escola, que é hoje uma das melhores do Rio — considerada, mesmo, sob o ponto de vista pedagogico, modelar — para a educação de suas filhas, para a educação de moças como as suas filhas. E o que realizou é admiravel. Ali se ministram todos os conhecimentos, ha um jardim de infancia, ha cursos de humanidades, do primeiro e segundo gráo, e ha, ainda, cultura artistica e literaria, atravez do ensino de declamação, arte de representar, dansa c'assica, musica e canto. Pois não me foi negado o concurso das encantadoras moças que são, na casa materna, a um tempo, alumnas e professoras e como a Sra. Padua Soares, têm todas as suas horas occupadas.

O mesmo se dá com a Sta. Gilda Abreu, a graciosa e intelligente filha da Sra. Nicia Silva, a cantora que em ambiente desalentador como o brasileiro, tão alto ascendeu. E' uma das minhas mais decididas e diligentes collaboradoras. E assim, todos os demais. Não será, portanto, por falta de dedicações que eu não leve avante meus propositos.

Tive, tambem, o decidido apoio da imprensa. Todos os jornaes, sem excepção de um só, fizeram á idéa enthusiastica acolhida e usaram de expressões laudatorias que enormemente me penhoraram. Ha muitos annos, no Rio, não se registra em torno de assumpto theatral tamanho applauso jornalistico, o que quer dizer que tomei por bom caminho.

Desta primeira etapa só me fica uma queixa — o publico. Não foi, nos dois espectaculos realizados, tão numeroso quanto devia ser. Não acreditou talvez — tem sido enganado tantas vezes! — no merito do espectaculo. Os que a elle assistiram, porém, bateram palmas como não é de uso no nosso theatro.

Não desanimaremos, porém. Formaremos o nosso publico, pouco a pouco. Ha, no Rio, dois milhões de habitantes. Não posso crer que desses dois milhões de creaturas só achem interessante como diversão o football... E o que se ouve nos campos de foot-ball...

MARIO NUNES

O FILM de SPINELLY

HA uma hora no dia em que Spinelly deixa o seu theatro e fóge. Começa a sua vida secreta. Isto passa-se muito longe e, no emtanto, muito perto de Paris, em Rueil, numa propriedade tão vasta, que os viajantes que transitam na estrada não adivinham a casa; e tão bella que a desejariamos para

scenario dos nossos sonhos. Spinelly chega, fecha cuidadosamente as portas e... é a hora maternal, a hora em que se diverte com a matilha de cães, a hora da palestra com Jackie, a hora de cuidar das gallinhas, a hora de jardinar, a hora da visita ao amor do fundo do parque e, por fim, sempre, a hora de sonhar...

"Bravo"

ESTREA DESASTRADA

NÃO sei porque me assaltou agora á idéa — a bonita fatiota de que me fizeram presente quando completei meus oito annos...

Um primor, aquella jaquetinha côr de óca, acompanhando calçinhas verdes, salpicadas de pintinhas pretas e orladas com biquinhos de renda branca!

Lembro-me que a D. Benta, uma perita doceira, nossa vizinha ao lado, que me estimava muito e sempre me abarrotava de beijos e doces, assim que me viu, bateu palmas, exclamando alvoroçada:

— Como está encantdor este diabinho!... Parece mesmo um anjinho de procissão!

E eu, — como era natural, — sahi dali orgulhoso e teso, a correr de alto a baixo a rua em que morava, para fazer os outros meninos, meus companheiros de brinquedos, arrebentarem de inveja.

Satisfeita a vaidade, ao regressar á casa, á pássos medidos, como quando andava de espada de páu ao hombro, na frente do batalhão dos *soldados* da minha idade, marchando ao som do *Rato na Casaca*, fui mirar o effeito do meu todo enfrente ao espelho. Achei-me tão varonil e marcial, que pedi para ser retratado.

Fizeram-me a vontade e ainda hoje conservo o quadro, no logar de honra da minha sala, e posso garantir, — ai! de mim! — que estou muito mudado, muito differente, — de cara e corpo, — do que era nesse alvorecer da minha recuada adolescencia...

Esta recordação prende-se á outra:

Ao voltar do retratista, annunciaram-me que tinhamos entradas para o espectaculo da noite.

O espectaculo!...

Eu nunca tinha ido ao theatro, mas em meus sonhos infantis sonhava sempre com aquillo. Possuia immensos desejos de ver, observar o que ouvia contar dos actores e das actrizes, — esses entes privilegiados que sabiam com facilidade mudar as physionomias dos espectadores, — ora pondo-lhes os olhos em pingadeira de lagrimas, ora transformando-lhes as boccas com gargalhadas bulhentas como morteiros em festa...

Quando subi as escadas do velho casarão, (velho hoje, naquelle tempo radiante de mocidade), enrolado na capinha côr de pinhão, que me protegia da friagem e do sereno, levava o coração a palpitar de curiosidade.

Senti-me deslumbrado por tudo quanto meus olhos viam: — a quantidade de lampeões de kerozene, com luz enfumaçada; o gigantesco lustre que descia do centro; o immenso panno de bocca representando figuras mythologicas; a variedade de figurinhas e figuronas, nos camarotes, com caras antigas e novas, bonitas e feias, cheias de criação e brilhantes, a chamarem a attenção com o agitar dos leques; a infinidade de sujeitos, muito graves, lá em baixo, de pé, com os elegantes binoculos em punho, guardando os logares, (nessa época era contra a etiqueta irem senhoras para a platéa), tudo me causou espanto, abalo, uma embriaguez indescriptivel.

Com as pupillas dilatadas, não querendo deixar escapar nada, mirava tudo, levando a vista aqui, ali; numa fascinação delirante de curiosidade intima.

Indgnei-me quando a Joanna, — uma santa creatura que me ajudou a crear, — me segredou ao ouvido:

— O' menino, tenha cuidado, não vá dormir...

Insensata advertencia. Dormir? Eu?! que todo meu desejo era que aquella noite fosse interminavel para poder com segurança fócar na imaginação as scenas ineditas que se iam desenrolando deante de mim.

Não demorou a *ouverture*, finda a qual, ouviu-se o trilar de um apito, — como si estivessem a chamar a policia, — e em seguida ergueu-se a immensa parede de lona.

Representava o *Anjo da meia noite*.

Oh! *Anjo da meia noite*, como tu me ficaste gravado na imaginação, até hoje que faz uma comprida enfiada de annos!

Quando regressava do theatro, vinha pezaroso por ter acabado tão cedo, — eram apenas duas horas e o drama só tinha um prologo, cinco actos e não sei quantos epilogos!...

Não dormi o resto da noite e no dia seguinte, — a todos que me escutavam sorrindo, — dizia que a minha carreira estava escolhida, meu destino traçado: — não queria ser banqueiro, nem sapateiro, nem ministro, nem barbeiro, nem Deus nem o diabo! Queria ser comediante, um artista laureado, para arrancar da multidão applausos e lagrimas, — como tinha visto os outros fazerem.

Assim foi o tempo desdobrando a marcha veloz. Aos domingos, reunia os collegas da escola, e as colchas e tapetes pegavam fogo. Improvisava theatro na varanda, e não ficava nada no logar: — mesas e cadeiras, cobertores e alguidares, vinha tudo para a scena!

Dinheiro que me davam para gulodices era logo applicado em comédias, que lia com attenção, decorava com facilidade e guardava com respeito.

Eu era filho unico nesse tempo e andava nas palminhas da familia, não me faltando mimos e consentimento para fazer as travessuras que entendesse.

Depois de uma noite de espectaculo, era contar que levava dias, semanas, a recitar monologos, em altos brados, com gestos meus, accionados inventados por mim, numa gesticulação de môer braços e estafar pulmões!

Escrevi sem cansar. Já estavam promptos tres soberbos dramas, a *Sardou*, seis excellentes comedias a *Labiche*, e uma excellentissima tragedia, — que eu dizia ser, — no entrecho e no *arrepio*, — muito acima das do *Chá que espirra!* Tanto a fertilidade como a inspiração eram tão robustas, que até me custava a lhes aguentar o peso!

Nesse tempo instalou-se uma sociedade num velho galpão, que foi mais tarde cocheira e é hoje um templo maçonico, onde, — segundo consta, — se fala com o diabo á meia noite!...

Ahi assisti aos *Seis degraus do crime* e á *Nova Castro*. A immortalizada Ignez de Castro, — a que depois de morta foi rainha, — era desempenhada pelo Virócas, um geitoso sacristão que já fazia a barba e falava grosso, — mas encobria bem o sexo com a sua saia de setim roxo e blusa de malha azul, adornada de variadas fitas que, mal comparado, parecia a bandeira do Divino, quando anda em peditorio. Podia-se vêr por gosto.

Os outros eram franganotes de quinze a dezoito annos, — mais *homens* do que eu, que regulava ter os meus doze.

Muitas vezes assaltaram-me impetos de ir a elles e fazer-lhes sentir que eu era actor, — ainda em embryão, é verdade, — mas si quizessem tirar a prova, me dêssem papel numa peça para ver como se representava bem, e que, não sendo egoista, estava prompto a indicar-lhes novos processos de segredos scenicos descobertos por mim. Tinha certeza de deixal-os assombrados, mas me retrahia, enchendo-me de acanhamento e vergonha de offerecer-me como si fosse uma mercadoria qualquer. Os grandes genios devem ser assim: — procurados, nunca offerecidos.

Afinal, meu ideal, minha ambição, converteu-se em realidade. Fundámos theatro, mas theatro direito, com panno, scenarios e até com buraco para o ponto!

Não tinhamos pretenções de fazer confronto com o *Scala* de Milão, *Real* de Madrid ou a *Opéra* de Paris.

Era mais modesto, muito mais modesto, — mas deve-se começar pelo principio.

O nosso *templo de arte* erguia-se na parte baixa da casa que habitava minha familia. Um rico porão, amplo, largo, onde, — sem exaggero; — cabiam quarenta pessôas. Era pouco publico para apreciar a aurora de um talento que desabrochava, mostrando os raios do seu esplendor... mas antes isso que nada.

O pintor foi um parente meu, tão habil na broxa, como eu no palco. A decoração do panno, não se entendia, mas as côres eram de primeira. Os arabescos vivos, bizarros, confundiam-se, embaralhavam-se de fórma a encherem logo a vista. Os bastidores fôram confeccionados por um aprendiz de sapateiro, que tambem era amador. Obra asseada, feita com elegancia e capricho, tendo apenas um defeito: — as portas ficaram estreitas e chatas, — só se podia entrar de esguelha e de pescoço encolhido.

Faltava musica, mas não me apertei: — sempre fui de emprehendimentos largos e tirões de arrojo. Venci o obstaculo, comprando um assobio, arranjando um tambor e pedindo emprestado um realejo. Este tercetto reunido em sociedade, cada um no seu papel, — a soprar, a rufar, a môer com geito, embora não fosse no passo do compasso, era impossivel que não accordasse acordes que estivessem de accordo com a harmonia usada nas philarmonicas de nome.

Eu era o ensaiador e tinha escolhido a melhor producção para essa estréa, em que ia completar-me, immortalizando-me como actor e autor, de excepcional aptidão.

Chegou o dia desejado, — as quatro da tarde de um bello domingo de Novembro. Dia memoravel, tão glorioso, que mais tarde cubiçaram a mesma data para proclamar a Republica no Brasil.

Estava tudo á cunha, cheio, atulhado de rapazes de todas as idades, alguns ainda de perna á vela e outros tão ingenuos que traziam calções inteiros abertos por detraz, — que tinham sido convidados com mezes de antecedencia.

O ingresso era barato e franco, cem réis por cabeça, — mas quem viesse sem verba tambem podia entrar com a condição de dar palmas e atirar flores.

Tudo estava disposto da melhor fórma possivel: o recinto ostentava um aspecto encantador, com os requesitos que exige bom gosto e impõe uma sala de espectaculo.

Para a cousa ser completa e conservar a linha, o bello sexo se fazia representar por umas quantas mestiças, — crias e creadas de familias matrimoniadas, que moravam por ali perto.

A symphonia, — parece incrivel, — não agradou! Trocaram o silencio commovente, — que era de justiça, — pelo rumorejar vago e surdo, prenuncio de tempestade proxima.

Cheirando-me aquillo a desaforo, vim á scena, já pintado e barbado, e, com este verboso discurso, impuz a ordem:

— Isto aqui é casa séria e quer-se respeito e bico calado. Quem não estiver satisfeito é rodar nos calcanhares e levar o corpo ao fresco.

Produziu effeito, calaram-se, retirei-me e o panno em seguida, lentamente foi subindo, — sem pegar, — como manda a regra.

Eu era o primeiro que apparecia. Genial figura! Longas barbas, — arranjadas de um pellego velho, — meias azues da Joanna, e uma camisa nova, mas encardida, que me emprestara a cozinheira. Tudo isto transformara-me num personagem esquipatico, de envergadura estrambolica, bem caracterizado! Para *Sultão*, só me faltava o turbante, que fôra substituido por uma barretina vermelha, — respeitavel reliquia que pertencêra a um dos meus ante-passados.

Desci a rampa, altivo, passos largos, catadura sombria e, erguendo o braço, com o pae de todos esticado para os vigamentos do fôrro, comecei, ao som pianissimo do realejo, a entoar, com voz redonda e grossa, voz de baixo profundo, uns versos languorosos, cheio de *o o o e a a a*, que andavam em moda, que vinham a proposito e que com muito aproveitamento eu acommodara na peça:

Cupido quando nasceu
tres beijos á mãe pediu...

Ainda não tinha alcançado a metade da decima quadra, quando, em logar da chuva de applausos, que era de esperar, desabou um alarido, que foi crescendo, subindo, até se transformar numa balbudia infernal, acompanha de batidellas de pés e uma berrata de fôras e assobios, que parecia querer acordar os alicerces do porão! E no meio da confusão, ouviam-se palavras inconvenientes, mal creadas e insultuosas: — que aquillo era longo e não prestava, que as meias indicavam *dias santos grandes*, que a camisa estavá de luto pelo sabão... e não sei mais o que...

Parei assombrado, a medir com firmeza melodramatica a turba, com os nervos em pé e as arterias a papejarem.

Depois,—não sei como aquillo foi,—numa transição de furia, aquella mesma que fez de Alexandre um assassino, (vide Simão de Nantua), simulei uma sahida falsa e com o sangue fervendo, a transmontana desnorteada, passei a mão num *sceptro*, — que era um cabo de vassoura, — e arvorado em revolucionario, levando os companheiros a reboque, dispostos a morrer ou vencer, corremos com o auditorio em massa pela porta fóra!...

Foi um cahe aqui e ali levanta pavoroso. Uma gritaria, um bate pé e treme terra como não ha exemplo de outro igual em historia publicada... nem mesmo por publicar!

Quando voltei, alagado, mas triumphante, — a brandir a arma victoriosa, vieram chamar-me ás pressas.

Um revés nunca vem só.

Umas senhoras, de carnes frouxas e folego curto, que estavam de visita á minha familia, com a barafunda desaparafusaram os nervos, imaginando a casa envolta em chammas, e começaram aos gritos, que foram acabar em desmaios!...

Tive de sahir a toque de caixa, em procura de medico, ainda theatralizado a zarcão e zebrado á rolha queimada!...

A miuçada que se reunira em grupos, na rua, em acalorados commentarios, fez-me certo, com ares ameaçadores de futuros valentões: — uns, mais financeiros, exigiam o dinheiro, e outros, mais alentados, queriam esbandalhar-me a cara!...

Vi-me perdido: — eram muitos e eu só, — a tanto não chegava meu valor. Felizmente, — como — defesa, — appareceu a intervenção de uns cavalheiros prestativos e conciliadores e tive de abrir mão ao capital apurado na bilheteria, que sommava em dois mil e duzentos e vinte réis, tudo em cobre graúdo, de um que ha muito já desappareceu de todo.

Horas depois, deitaram-me o theatro abaixo, em nome do socêgo do lar e da tranquillidade alheia, e eu, *descoberto* de gibria, sem campo para a luta, estendi a mão sobre as ruinas e jurei para todo e sempre, deixar Thalia em paz! Si bem jurei, melhor cumpri: — nunca mais pisei em palco...

A Cidade do Homem Novo

CONTEMPLANDO outro dia um dos planos de archictectura cubista de Flavio de Carvalho, eu senti o vago e o impreciso do ideal do Homem Novo. Os mais espertos, como o pedreiro livre da cidade de Adão, cidade sem preconceitos, mentalmente desnuda, symbolo de efficienciencia, nas linhas claras do seu sonho modernista, os mais argutos e energicos sorrirão deante da minha fé obstinada. Pois o ideal do Homem Novo é uma cousa sempre vaga. Uma ansiedade. Um fremito de reduzir a formulas vivas aquillo que impressionou.

Por exemplo: para alguns senhores graves e cheios de responsabilidade, o ideal é commemorar o bimillenario de Virgilio.

Quantos, no Brasil, ainda se preoccupam com os classicos? Pouco importa. O interessante é recordar a Eneida e esquecer as obras nacionaes.

Para o cubismo de Flavio, o homem repetindo sempre a oração diaria do seu systema social tornou-se incapacitado para crear uma nova oração e continuou reproduzindo a vida de seus antepassados, reforçando o recalque de suas melhores tendencias, eliminando da sua alma a volupia das cousas, o prazer de apalpar futuros exoticos, o gozo do logico, o desejo de uma fórma mental nova.

* * *

Sensibilidade é synonymo de dispersão. O que seduz o artista moderno, tornando-se o dispersivo, é a fantasia tumultuosa; o que o fascina é a vertigem da originalidade; o que o perturba é a aventura intellectual. Fantasia tumultuosa: plantar café. Vertigem da originalidade: a casa de Pacaembú. Aventura intellectual: querer destruir os tabús da sociedade. Ouçam os ultimos romanticos tabajaras. A humanidade se divide, nestes tempos, em duas grandes classes: pedestres e automobilistas, como já se repartiu em judeus e christãos, capitalistas e communistas, fortes e fracos, monarchistas e republicanos. Os homens dos tropicos não pódem supportar a poeira das longas caminhadas nem a insolencia do sol ao meio dia. E é feio mesmo ser atropelado, depois de uma palestra erudita sobre o mecanismo libidinoso de Freud. E' bom citar Freud, de vez em quando. Dá uns ares de aristocracia espiritual, de superioridade nos dominios do conhecimento...

ILLUSTRAÇÃO DE ALVARUS

* * *

Voltando ao ideal do Homem Novo. Flavio de Carvalho concerta os oculos e fala a sério:

— A vida de hoje não mais permitte que o homem desperdice as suas energias, continue a trabalhar desorganizadamente. Sabemos que a riqueza de um povo depende da natureza e organização do seu trabalho, de suas actividades. Interessante, não achava? O cubista acceita a companhia do mestre de obra colonial. Aquellas massas, aquelles volumes, aquelles planos formidaveis em lamentavel promiscuidade com o Trabalho Organizado! Todavia, Flavio é um puro e um sincero dentro da sua visão cubista do mundo. Por isso mesmo, eu não não duvido que as élites dirigentes de São Paulo adoptem o palacio do congresso traçado pelo transformador das quantidades metricas. O que eu não comprehendo é Flavio de Carvalho, architecto dos paraisos do seculo vinte, inimigo da alma antiga, a falar em riqueza organizada. Para onde vamos?

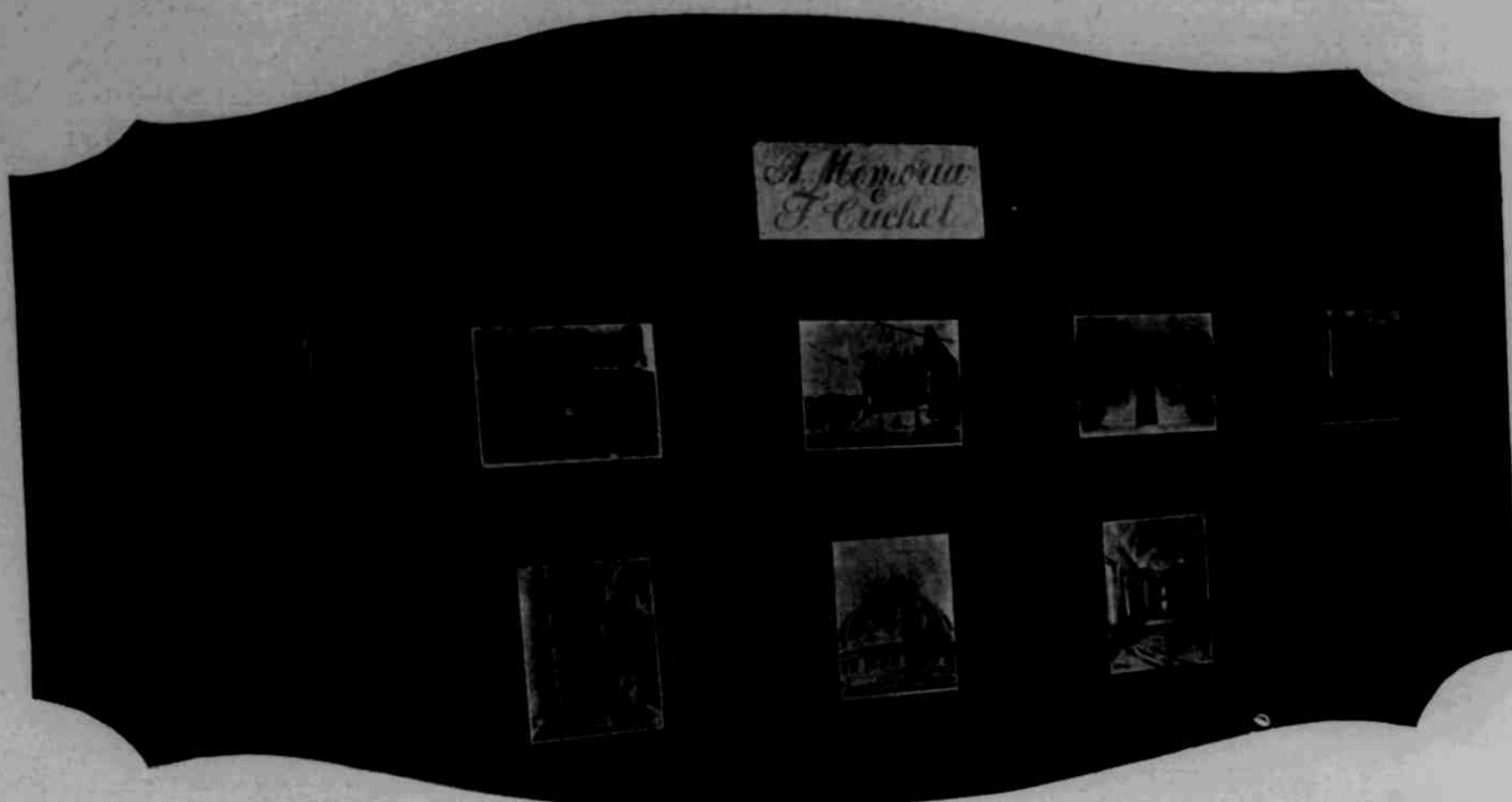
Construamos uma cidade para malabares, gentios, mauritanos e polyphemos. Os gigantes e os lidadores rudes tambem têm direito á sua cidade. Uma cidade sem portas nem leis emigratorias. Basta demonstrar animo para a luta.

Stadium moral. Residencia provisoria do ideal do Homem Novo...

BEZERRA DE FREITAS

A chegada do corpo. Discurso do Deputado Mauricio de Lacerda. A multidão carregando o caixão.

Um aspecto da passagem do funeral pela Avenida Rio Branco, rumo do Cemiterio de S. João Baptista.

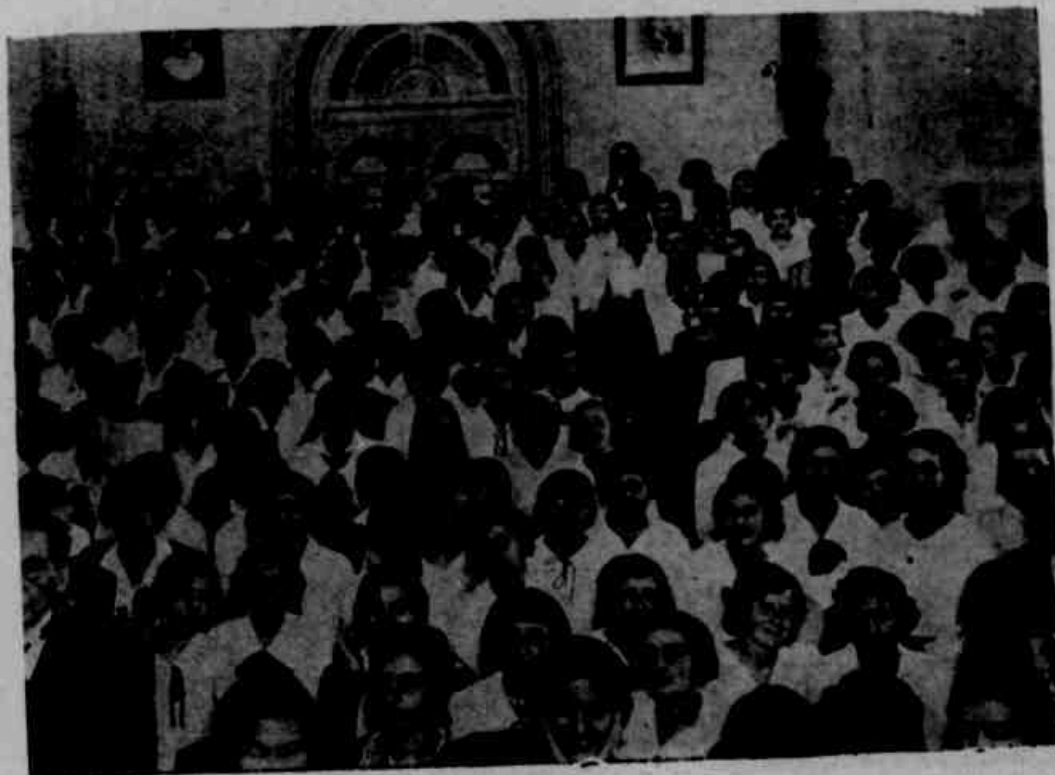
As homenagens do Rio de Janeiro ao Presidente João Pessôa

Um trecho do "stand" de A. Memoria e F. Cuchet

IV Exposição Pan-Americana de Architectura

Em baixo:

Os architectos, professor A. Memoria e F. Cuchet, que obtiveram o Premio de Honra e a Grande Medalha de Ouro, Premio unico da secção de profissionaes brasileiros.

O cincoentenario da Escola Normal de São Paulo

Autoridades estadoaes e lentes do estabelecimento, presentes á cerimonia da inauguração dos medalhões com as effigies de Laurindo de Britto, Prudente de Moraes, Cesario Motta e Gabriel Prestes. O Dr. Americo de Moura, lente de literatura, proferindo o discurso allusivo. Em baixo, instantaneos de alumnas da Escola Normal no dia 2 deste mez.

O
Dr. Julio Prestes
de volta a
São Paulo

Em cima: S. Ex. no Palacio Presidencial em visita ao Dr. Heitor Penteado e secretarios do Governo do Estado. No centro e em baixo, passagem do Presidente Eleito da Republica pelas ruas da cidade de São Paulo onde uma grande multidão o acclamou.

Saudando o Exercito que passa, da esquerda para a direita: Ferdinand Bouisson, presidente de Camara dos Deputados, Paul Doumer, presidente do Senado, principe Takamatsu, irmão do imperador do Japão, o bey de Tunis (rei daquelle paiz suserano da França), o presidente Gastão Doumergue e o principe de Monaco.

Por occasião do desfile, o presidente Doumergue condecorou a bandeira do Trem de Equipagens, bandeira que tem participado de todas as guerras que a França sustentou, desde a da Criméa. E está prompta para outra, essa bandeira incansavel...

14 de Julho em PARIS

O 14 de Julho foi celebrado este anno, em Paris, com um esplendor nunca visto. E' que 1930 é o anno do centenario da conquista da Algeria, a grande colonia norte-africana, que hoje, constituindo tres departamentos organizados á maneira dos do continente, é um prolongamento da terra franceza no continente do sol.

O governo francez deliberou então fazer um grande desfile de tropas do Exercito, vestidas á maneira de 1830, revivendo assim aos olhos maravilhados dos parisienses o garbo e o pittoresco das forças que operaram a conquista do paiz algeriano contra abd-el-Kader.

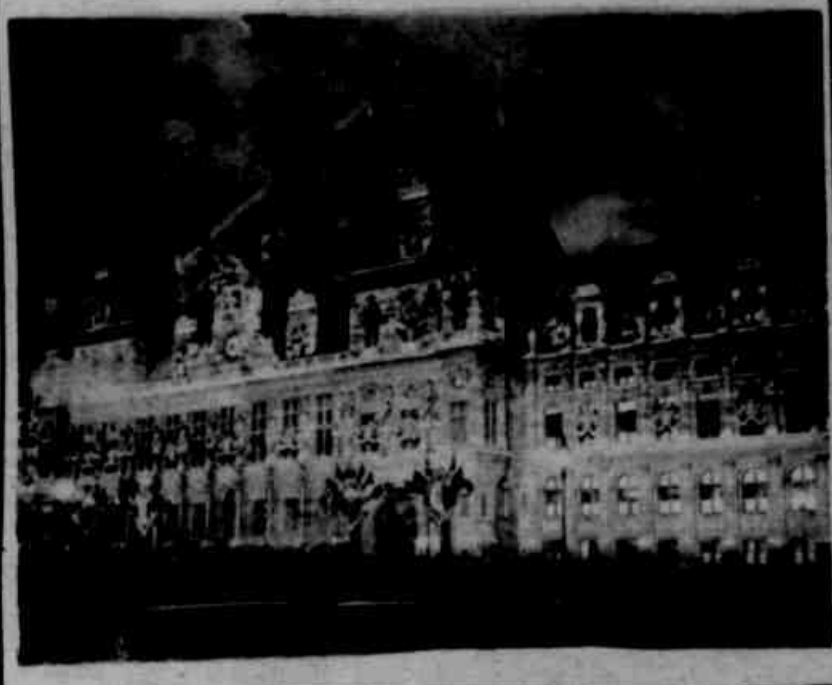
Os principaes **caids** algerianos (principes berberes e grandes chefes), inteiramente fieis á França, tomaram parte na parada. Paris teve assim, num lindo dia de gloria, o espectaculo raro do Exercito da conquista, granadeiros e hussards de 1830 e, ao mesmo tempo, da fina flor da raça conquistada, os grãos-senhores da Algeria, descendentes daquelles que ha cem annos defenderam o Islam e a posse da terra contra os soldados de Carlos X e de Luiz Philippe.

Cerca de um milhão de pessôas, na Avenida dos Campos Elyseos, Praça da Concordia e Praça da Estrella, contemplam a passagem dos soldados da conquista da Algeria, que revivem aos olhos de hoje a grande pagina historica de hontem.

Na Avenida da Opera, o desfile continúa

Perto do Petit Palais, deante da tribuna official, onde se acham o presidente da Republica Franceza, o bey de Tunis, o principe de Monaco, os membros do governo e o corpo diplomatico de Paris, as tropas francezas, fardadas á maneira de 1830, desfilam imponentes.

Se ha quem se precipite para os espectaculos gratuitos ha, porém, quem prefira os bailes ao ar livre. Esses bailes parisienses do 14 de Julho são o que ha de mais pittoresco na grande cidade européa. Operarios, empregados do commercio, marinheiros, soldados, estudantes, gente de todas as classes populares, meninotas dos armazens, modistas, mocinhas, mocetonas e velhuscas, enchem as praças publicas, ao som da musica tocada infatigavelmente pelas bandas de quarteirão e dansam toda a tarde e toda a noite. Parece o carnaval. Nem faltam os coretos enfeitados de fitas e galhardetes. Na gravura junto, vê-se um desses bailes do povo, exactamente em face da Bolsa. As cigarras divertindo-se deante da casa principal das formigas...

No 14 de Julho, em Paris, os theatros subvencionados pelo governo dão espectaculos gratuitos. Desde manhã cedo que a multidão faz a "cauda" junto aos guichês, á espera de que se abram, para a obtenção dos logares. E' uma corrida tremenda. Torna-se necessaria a intervenção da policia. Apparecem ali, aos magotes, desde a mocinha espevitada, que procura varar os grupos com o nariz bem no alto, até a matrona estylo rococó, de chaspelinho de velludo e vidrilho em cima do coque 1840. Toda gente quer assistir ao espectaculo de graça. Como isso só acontece uma vez por anno, salve-se quem puder. Nosso cliché mostra, no ultimo 14 de Julho, o assalto ao theatro da Opera Comica. A policia fiscaliza a longa "cauda" que, de tão comprida, começa lá no extremo da rua, a perder de vista... Que avança!

O Hotel de Ville (prefeitura municipal) de Paris esteve deslumbrantemente illuminado, destacando no céo nocturno as linhas classicas da sua grande massa architectonica. Esse bello edificio, um dos mais sumptuosos de Paris, foi construido em 1882, no local em que existia o antigo Hotel de Ville, do seculo XVI, no qual, a 4 de Setembro de 1870, foi proclamada a terceira republica, tendo sido destruido a 24 de Maio de 1871 pelos revolucionarios da Communa.

DE ELEGANCIA

PYJAMAS de praia. Estão rivalisando com o "maillot", que, depois de habito no habito das banhistas, e, por ser assim costume, já não escandaliza ninguem, ficou definitivamente approvado. Alguns centimetros de panno para a calça, outros tantos para o corpete, muito decotado, sem costas para facilitar o banho de sol...

O Rio é a grande praia brasileira. De verão a inverno, de inverno a verão, Flamengo, Urca, e, principalmente Copacabana estão a formigar de gente. Só não ha disso em meia duzia de dias do inverno official, assim mesmo em consequencia da chuva.

— Vamos á praia?

Forma-se o grupo de espectadores. As moças nos seus vestidos de fino Jersey, boina leve, branco ou estamparia. Os rapazes de branco, de calça de flanella e camisa esporte... O grupo elegante ri e conversa andando pela calçada larga da Avenida Atlantica. Anda por esporte, anda para diminuir algumas grammas de gordura, anda para espiar os outros. Depois decide pisar na areia e passar em revista os que se abrigam sob immensos guarda-sóes, barracas, ou curtem a pele á crúa luz do sol. Aqui, jogam peteca jovens de ambos os sexos, todos de "maillot" e cabellos cortados. Uma loura de sapatinhos de borracha carmezim, calça carmezim e corpete azul francez listrado de carmezim, joga na areia o casaco que completa o delicioso "ensemble". E' que mais facilmente se movimenta, e o corpo flexivel, bem feito, mais se deixa ver, ligeiramente queimado. Olhos rasgados, negros como jaboticabas, cabellos lisos e pretos, de "maillot" rosa e azul, tiras recortadas em desenhos originaes, capa em fórma, agita-se uma das mais interessantes morenas que frequentam a praia. Perto do trapezio, apoiada numa grossa viga de ferro, outra banhista exhibe um "maillot" de jersey de seda, carne, e veste casaco preto, sem mangas. Sentada a seus pés, sem casaco, num "maillot" de "tricot" violeta com applicações do mesmo tecido em verde, preto, vermelho, créme formando curiosos desenhos, conhecida elegante olha distrahidamente o mar. Além, a alegria dos tecidos

estampados. Numa, blusa branca e "pois" vermelhos, o que tambem fórra o casaco do mesmo jersey preto da calça; noutra, grandes flores rosadas e azues sobre crêpe créme, barra e casaco azul de pervinca de um pyjama. Mais duas meninas bonitas e vistosos pyjamas: calça e blusa de panno estampado de grandes desenhos multicôr; calça e blusa de tonalidade unida e casaco de seda estampado de flôres meudas. Mais outro pyjama, tonalidade viva e viva estamparia. Mais um "maillot". Mais um pyjama... Roupas da moda, na praia. Roupas para gente moça, para gente menos moça... Pyjamas de seda, "millots" de jersey. Vestidos de jersey, vestidos de seda. A praia luzindo de sol. E o sol luzindo nos "maillots", luzindo nas côres variadas dos pyjamas, luzindo na epiderme núa dos banhistas e luzindo, além, nas ondas verdes que se quebram e se desfazem em espumas na areia humida.

E, por ter falado em tecidos de fantasia, cabe outra quadra das que me remetteu o meu amigo e poeta:

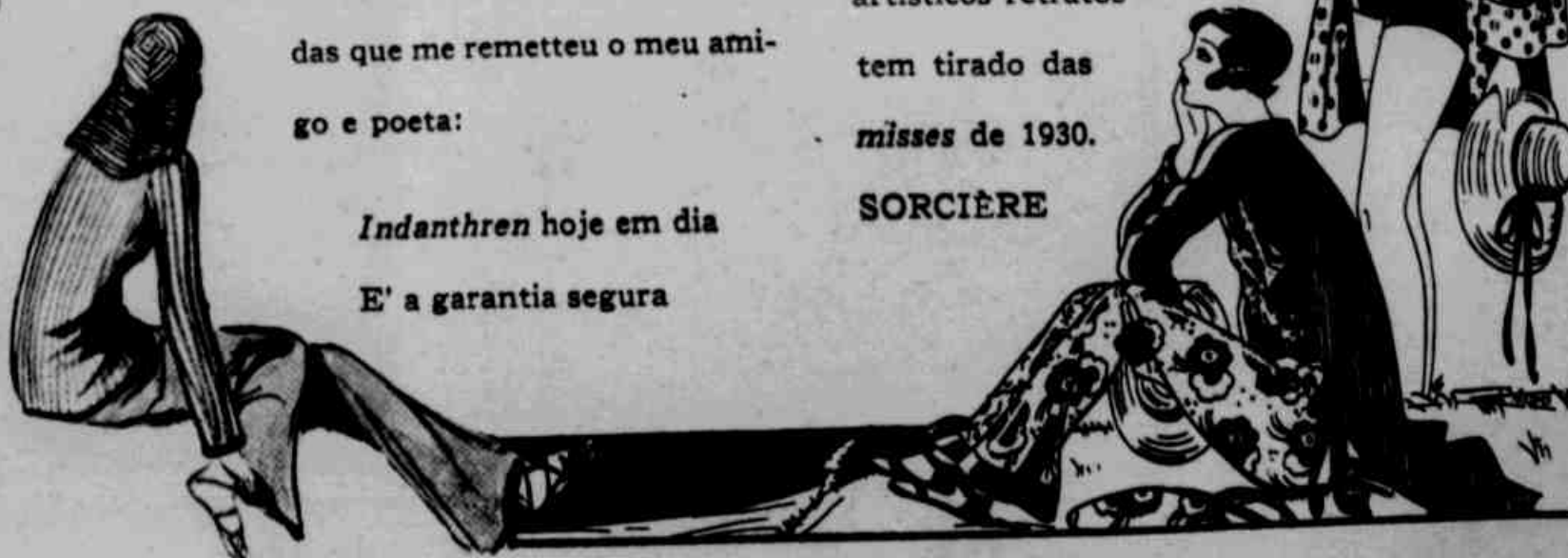
Indanthren hoje em dia
E' a garantia segura
do tecido á fantasia
que a lavagem desfigura.

—o—

Proximamente A. Dorét dirá sobre cabellos curtos, cabellos compridos, e conservação da juventude.

—o—

Lafayette — rua 7 de Setembro nº. 98, 2º andar — o photographo preferido da alta sociedade e que artisticos retratos tem tirado das *misses* de 1930.

SORCIÈRE

Aspectos pitorescos da Ilha Raza

Pharol da Ilha Raza com 80 metros de altura.

Antigos casebres para depositos edificados ainda no Imperio.

A Ilha Raza, cujo pharol e demais construcções datam do tempo do Imperio, vae receber agora beneficios varios. Já começaram a desembarcar ali os materiaes para a reconstrucção da torre do pharol, da casa do pharoleiro, dos depositos, etc.

Estas photographias foram tiradas por occasião da visita áquella ilha quasi inaccessivel, do director de Navegação, almirante Graça Aranha, e do director de Pharóes, commandante José Felix.

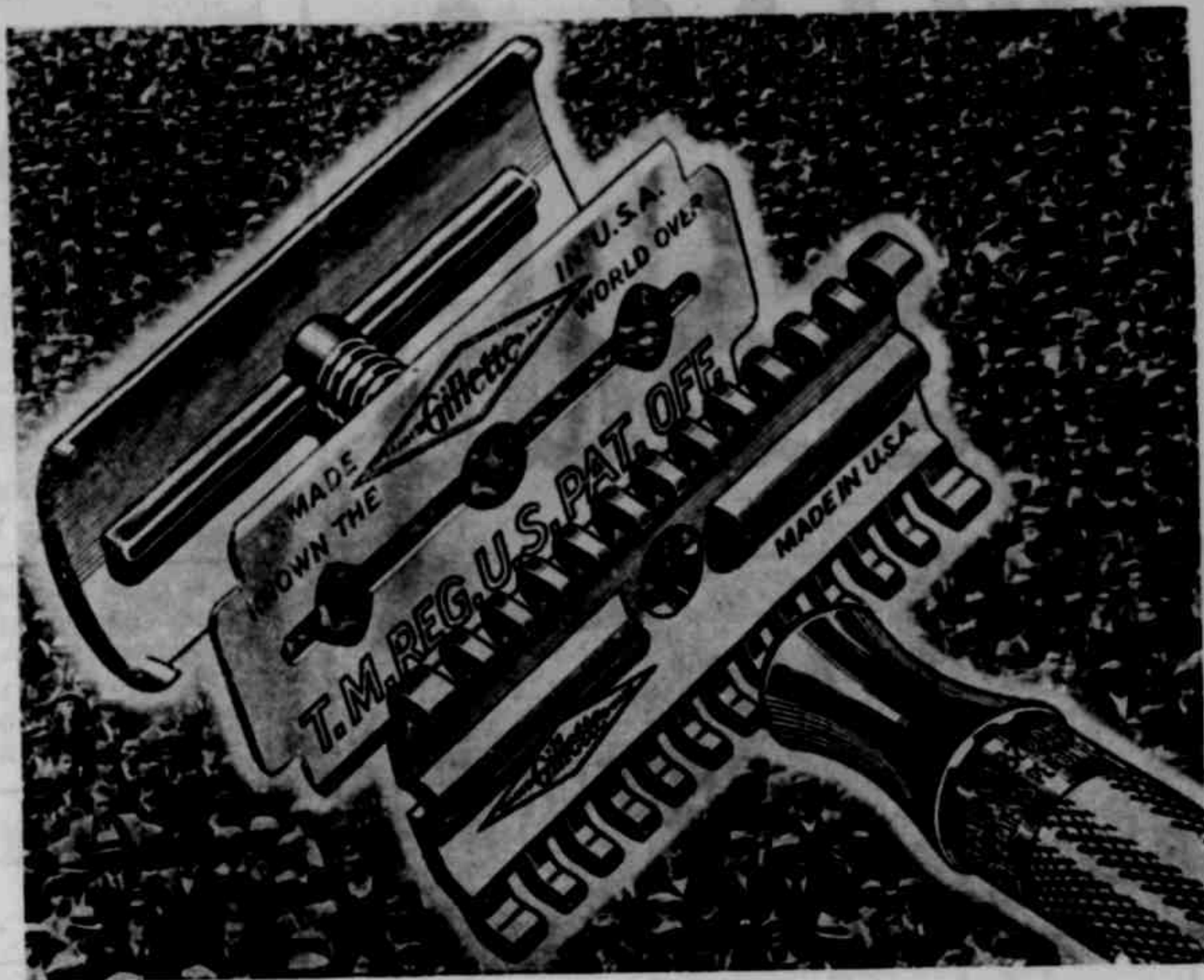
Porto de desembarque na Ilha Raza.

A Gillette *apresenta*
a NOVA LAMINA...
o NOVO APPARELHO...

A GILLETTE, que ha vinte e oito annos operou uma transformação radical na arte de barbear, inaugurando, com o seculo do progresso industrial, o novo systema de escanhoar o rosto, hoje mundialmente acceito e adaptado á vida moderna, offerece agora, neste anno de 1930, uma nova e valiosa contribuição ao conforto do homem pratico que se barbeia, lançando com o maior successo em todo o mundo o seu novo typo de laminas e de apparelhos providos dos aperfeiçoamentos maximos que comporta a industria dos nossos dias.

E' a nova lamina e o novo apparelho GILLETTE que a Cia. GILLETTE SAFETY RAZOR DO BRASIL tem o prazer de apresentar hoje á sua larga clientela do Brasil, ministrando-lhe informações detalhadas sobre os melhoramentos introduzidos naquelles productos e convicta de que a nova lamina e o novo apparelho GILLETTE, pela absoluta efficiencia que ora offerecem, terão enthusiastica acceitação por parte do publico brasileiro, sempre inclinado, pelo seu espirito progressista, a acolher e prestigiar as conquistas da intelligencia e do labor humano em todos os campos da actividade.

Conjugando o saber de technicos, metallurgistas, chimicos, transformando radicalmente a sua machinaria, empregando capitaes vultosos, a GILLETTE conseguiu apresentar ao mundo moderno as duas maravilhas dignas delle, que são a sua nova lamina e o seu novo apparelho de barbear.

Os melhoramentos a que nos referimos e que caracterizam a lamina e o apparelho GILLETTE do novo typo são os seguintes:

1 — **A resistencia da lamina á ferrugem, graças a novo processo de fabricação do aço.**

2 — **Os cantos cortados da lamina, afim de que, em caso de distracção se evitem os golpes na pelle.**

3 — **O novo processo de lavagem da lamina, e do apparelho. Para essa operação não é necessario tirar a lamina: basta atravessal-a no novo apparelho e laval-a.**

4 — **A supressão do trabalho de enxugar. E' sufficiente sacudir bem o apparelho, com a lamimina atravessada; voltada esta ao logar, póde ser guardado o apparelho. Além da enfadonha operação de enxugar, esse processo evita os córtes nas toalhas.**

5 — **A suavidade do escanhoar, graças ao novo formato do canal do pente do apparelho.**

6 — **A maior inclinação dos dentes do apparelho, que faculta o o melhor deslise sobre a pelle.**

7 — **A suppressão dos pinos do apparelho, com a qual se tornam impossiveis os accidentes no fio da lamina.**

8 — **Os cantos reforçados do apparelho, que não entortam com a quéda, garantindo assim a integridade da lamina.**

9 — **A fórma das extremidades da lamina, que evita córtes nos dedos.**

10 — **A maior precisão do trabalho em trechos delicados da pelle, como em redor da bocca, do nariz e das orelhas.**

A NOVA LAMINA GILLETTE PÓDE SER UTILIZADA COM APPARELHOS GILLETTE DO TYPO ANTIGO.

Qualquer reclamação sobre o funccionamento das laminas e apparelhos GILLETTE do typo antigo ou novo será attendida directamente pela Cia., no Rio, ou por intermedio das casas commerciaes vendedoras.

Os legitimos artigos GILLETTE trazem o losango, sua marca registrada, e acham-se á venda em todas as casas de primeira ordem.

Cia. Gillette Safety Razor do Brasil

Caixa Postal 1797 -- RIO DE JANEIRO

Para que as candidatas a "Miss Universo" leiam...

Quando se processou, na Europa, o concurso de belleza para a escolha da mais linda "miss" daquelle continente, o jury eliminou uma das candidatas, de physico classico, de perfil perfeitissimo... mas cujos dentes destoavam dos seus outros atractivos. O jury de Setembro proximo, para a escolha de "Miss Universo", aqui no Rio, tambem será internacional e obedecerá á mais rigorosa analyse de detalhes. Convem, por isso, que as gentis candidatas ao titulo de belleza suprema em todo o mundo não esqueçam aquelle precedente e procurem zelar o brilho dos seus dentes, a frescura do seu halito, conservando-os e perfumando-os com o incomparavel dentifricio liquido "Sepol", de Ph. de Abreu.

CLAUSTRO DE AZULEJOS

Serenidade azul deste claustro em silencio,
onde ha pedras sepulcraes quasi apagadas
e paineis de azulejos...

Luz doirada de sol clareando as arcadas
de pedra e florindo
lirios loiros no limo verde da cisterna
central...

Consciencia feliz...

Serenidade...

Num angulo, de pé, um frade encanecido,
reza num livro negro
as orações da tarde,
e sentindo o reflexo azul dos azulejos
sorri como quem visse
o céo baixar nas paredes do claustro...

HELIO SIMÕES

PRECOCIDADE

O Roberto é um menino intelligente.
E a sua observação, arguta e fina,
é de causar espanto a toda a gente...
E' um portento, o gury: — nem se imagina!

E um dia, após a ceia, de repente
el'e pergunta ao Pae, que tudo ensina:
— Por que será, papae, que geralmente
chamam Nossa Senhora de Regina?

"— E' que Regina — diz o Pae, sorrindo —
significa Rainha, a mais querida,
a que domina em tudo quanto é lindo..."

— "Ahn! E REGINA — accrescentou Roberto —
é a Agua de Colonia preferida
E' a Rainha, tambem... Logo, está certo!"

Qual será o meu futuro?

Um serviço perfeito de cartomancia, absolutamente gratuito, aos leitores de "Para todos..."

O espaço de que dispomos está se tornando insufficiente para respondermos ás consultas recebidas, tantas são as cartas que nos enviam neste sentido.

Sendo assim, passamos a dar as respostas que nos foram entregues pelo encarregado da secção, o sapiente mago Kom-el-Ahmar:

N. 72 — GAÚCHO (Palmyra) — Um matrimonio breve com lealdade de um homem já idoso. Este outro que se occupa de vossa felicidade com esta mulher vossa amiga terão dinheiros grandes e melhoria de posição. Grande desgosto á noite causado por uma mulher de má lingua. Recebereis dinheiro desse falso amigo.

N. 73 — JOÃO SEM SORTE (?) — Nesta vossa casa haverá um desvio, e seducção com fraca fortuna. Ha um vicio, leviandade desta mulher que vos fará mal. Um homem de negocios terá bom exito nas suas transacções. Lealdade, sympathia, dessa pessôa intermediaria que vos estima. Essa vizinha de má lingua fará um casamento feliz com riqueza e melhoria de posição. Uma surpresa e acontecimento feliz e inesperado.

N. 74 — ESPERANÇA (?) — Haverá um desvio e captiveiro desse homem que deseja vossa felicidade. Uma trahição, novidades e uma paixão a horas de comidas e bebidas. Uma rival e este homem da lei terão alegria. Haverá depois uma doença e bôa noticia no proximo correio. Um processo e constrangimento desse homem de bem que vos estima.

N. 75 — ALMA DOLORIDA (Campos) — Más palavras e um obstaculo. Indisposição passageira, desgosto. Brevemente ireis receber dinheiro e uma carta á noite. Ha um mancebo de bôa posição que casará comvosco. Uma surpresa e uma trahição, que não será agora, para esse homem de negocios, seguida de ausencia. Bôas palavras e sympathia, assim como melhoria de posição brevemente dessa mulher de bom coração que vos estima. Sua correspondencia será cortada por uma rival com alegria.

N. 76 — PLUTARCHO (Rio) — Recebereis dinheiro e tereis uma paixão a horas de comidas e bebidas provocando ciumes por uma leviandade. Este homem da lei será trahido e esta falsa amiga com brevidade porá obstaculos a um casamento feliz fóra de casa. Dinheiros grandes, novidades, alegria, lealdade, seguida de uma ausencia desse amigo infiel.

N. 77 — MARTHA (Nictheroy) — Esta amiga que vos deseja mal terá um constrangimento e vos mandará uma carta com bôas palavras. Esta pessôa intermediaria que vos estima soffrerá uma trahição nesta casa de um homem de negocios que fará enredos. Alguem vos fará uma promessa com ar de seducção e interceptará vossa correspondencia. Uma rival porá obstaculos ao vosso casamento, fazendo-vos derramar lagrimas. Haverá uma separação e desgostos.

N. 78 — MISS MIQUINHA (?) — Em um banquete este homem de negocios vos falará em casamento. Haverá depois separação. Este outro homem de bom conselho deve ser ouvido, assim como este mancebo de bôa posição de fortuna e lealdade. Vem por caminhos demorados uma carta com bôas palavras e poucos dinheiros. Uma rival procurará cortar essa correspondencia.

N. 79 — ORIGINAL (Rio) — Ciumes, melhoria de posição, novidades e um mimo de amor que recebereis pela porta da rua deste joven que vos estima. Este homem de bem que se occupa de vós casará breve com sympathia. Tereis bom exito em vossos negocios ou estudos nesta casa. Haverá ainda um obstaculo a um casamento feliz posto por uma vizinha de má lingua.

N. 80 — ARCO-IRIS (Rio) — Nesta habitação um máo homem terá ciumes de vós. Este outro homem que deseja vossa ventura, apesar de ter pouca fortuna ha de conseguir vos fazer feliz brevemente. Ha um homem da lei fóra de casa que adoecerá. Esta pessôa de bom coração e que vos estima trocará más palavras por vossa causa com uma falsa amiga invejosa.

Mappa onde têm de ser escriptos os valores das cartas, conforme ficarem sobre a mesa, e depois recortado e enviado á redacção de "Para todos..." com o pseudonymo ou nome do consulente e localidade de onde vem.

N. 81 — MARIANNA (?) — Devieis ter excluido do baralho os valores 8, 9 e 10 como dizem as instrucções. Mandae outra consulta assim feita.

N. 82 — NANCY YOUNG (Rio) — Esta mulher que vos estima vos mandará uma carta á vossa casa trazendo novidades. Tereis uma ligeira indisposição que não será agora e fóra de casa. Haverá uma demanda, processo e condemnação, deste homem que se occupa de vós. Em um banquete de gente rica uma pessôa intermediaria commetterá uma leviandade que vos aborrecerá. Devere's receber no proximo correio uma noticia agradavel.

N. 83 — VALESCKAH (?) — Viagem por doença nesta vossa casa. Captiveiro e poucos dinheiros, correspondencia interceptada por um homem de máo coração e por outro que vos trahirá se o attenderdes. Este homem de bem que deseja vossa felicidade e este homem de negoc'os, assim como esse outro já idoso e de bom parecer soffrerão grande desgosto. Ireis receber dinheiro brevemente. Noto que não baralhastes bem as cartas, pois valores e figuras estão quasi todas em series juntas.

N. 84 — ROLANDO ORTIGAS (Sta. CATHARINA) — Deveis ter lido com cuidado as instrucções para excluirdes do baralho os valores 8, 9 e 10 de cada naipe. Mandae outra consulta como deve ser.

N. 85 — LUCIA MARIA (Rio) — Esta viz'nha de má lingua e esta pessôa vossa amiga, assim como esta rival em vossa casa violarão vossa correspondencia por leviandade e para vos fazer mal. Isso vos dará um desgosto que não será de grande duração. Um joven vos fará uma promessa, porém, não confieis nelle. Deveis ouvir este homem idoso que vos dará bons conselhos.

N. 86 — MISS SUPERSTICIOSA (N'ctheroy) — Novidades, pouca fortuna, porém, melhoria de posição, lealdade em vossa casa. Ides receber algum dinheiro desse homem que quer vossa felicidade e ha de o conseguir. Ha um vicio que será desviado com brevidade, assim como um enredo pondo obstacu'os a um casamento feliz. Uma rival e um homem de negoc'os vos causarão breve uma surpresa.

N. 87 — ADRIANO LOUREIRO (Rio) — Seducção que não será já processo e condemnação, tendo começado em um banquete. Um vosso bom amigo com bôas palavras, porém, pouco dinheiro e alegria cortará uma intriga em que vos metteram. Ficareis apaixonado por esta mulher que não vos ama e ao contrario vos deseja mal. Tereis depois disso bom ex'to nos vossos negocios e em vossa casa felicidade. Recebereis ainda uma carta de reconcil'ação de pessôa vossa inimiga.

N. 88 — ROSA DOS VENTOS (Rio) — Agradeço-vos a gentileza dos cumprimentos e vejo no vosso destino um mancebo que vos trahirá se lhe prestardes attenção Vejo ma's dinheiros grandes em vossa casa, assim como ireis receber uma prenda de pessôa amiga que vos estima. Ha uma ausencia provocando lagrimas de um homem que vos deseja todo b bem. Falta de correspondencia cortada por esta mulher que vos deseja mal.

N. 89 — SENHORITA PO. WHITE (Victoria) — Pequena fortuna deste homem que vos estima com sym-

INSTRUCÇÕES PARA "DEITAR AS CARTAS"

Toma-se um baralho novo, que ainda não tenha servido para nenhum jogo e do qual se excluem as cartas representando os valores 8, 9 e 10 de cada naipe. Embrulha-se bem em sete folhas de papel branco, cada folha de per si. Passa-se depois pela agua do mar ao meio dia de uma sexta-feira, proferindo-se no momento estas palavras:

— "Que os espiritos celestes vos ponham virtude".

Nos logares onde fôr difficil obter agua do mar, deitam-se em uma bacia, ou outro recipiente qualquer, sete garrafas de agua commum, e dentro da mesma se atiram sete punhados de sal com a mão esquerda. Tendo sido o sal extrahido da agua do mar por evaporação, volta novamente a ella, integrando-se no liquido.

Depois de mergulhado na agua alguns instantes, desembrulha-se o baralho dos seus sete envolucros, baralha-se tres vezes e parte-se em cruzêta, o que se faz dividindo-o em quatro montes ou partes, mais ou menos iguaes, que se collocam sobre uma mesa coberta com toalha branca.

Juntam-se novamente, os quatro montes, a começar do ultimo até o primeiro, e, depois de alguns minutos de concentração de espirito, em que não se pense em outra cousa senão naquillo que se pretende saber, vá-se deitando as cartas da esquerda para a direita em oito filas de cinco cartas, como mostra o quadro anterior, de sorte que a sexta fique abaixo da primeira e assim por deante, até a quadragesima no angulo inferior direito.

Feito isto, escrevam nos quadros correspondentes a cada carta o seu valor ou figura que representam, como no exemplo annexo:

Dama de ouros	3 de copas	az de espadas	5 de páus	Valete de copas
6 de páus	Rei de copas	2 de ouros	Dama de espadas	etc etc

Modelo como terá de ser preenchido o mappa

Recortem o mappa depois de preenchido, assignem-no com o pseudonymo que escolherem e emviem-no para: Redacção do "Para todos..." (Serviço de cartomancia) Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

A resposta não se fará esperar e deve ser procurada nesta mesma secção em que será publicada com o pseudonymo correspondente á consulta feita.

pathia. Haverá desordens por vossa causa. Este homem idoso vos aconselhará para o bem contra as seducções. Esta rival e este homem da lei se apaixonarão casando brevremente. Este mancebo de bôa posição de fortuna e que poderá ser vosso noivo terá um desgosto por uma leviandade em um banquete. Recebereis uma carta reconciliadora depois.

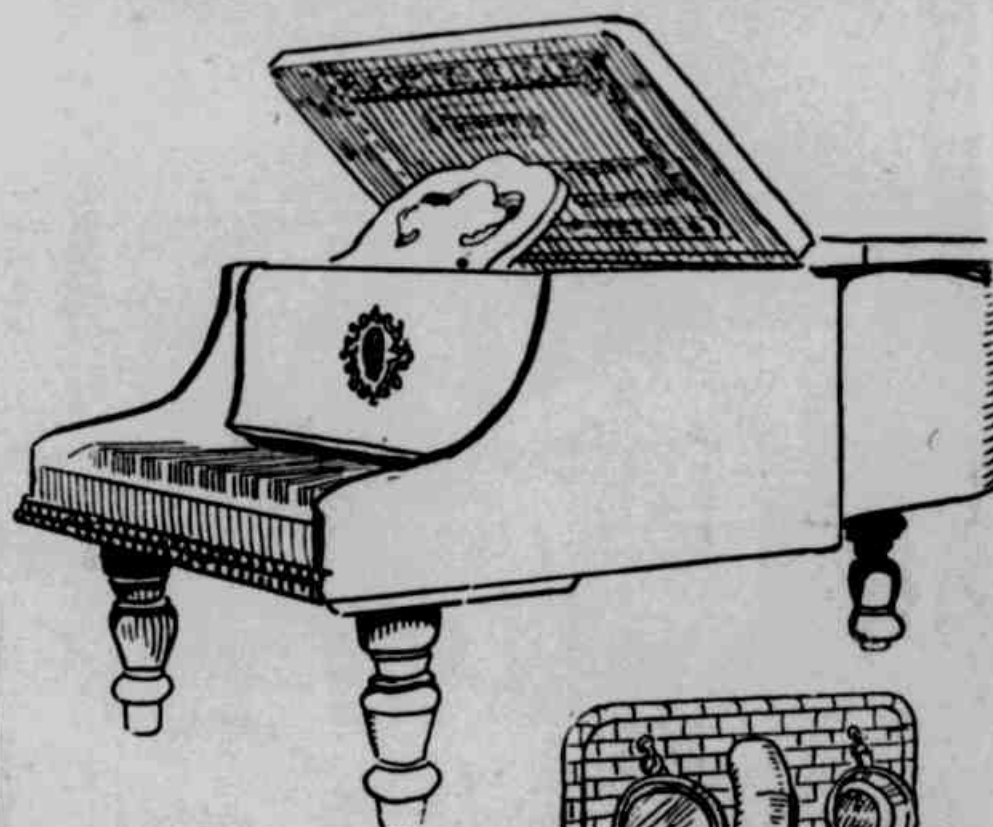
N. 90 — CASTELLO PRETO (?) — Um matrimonio que não será breve com esta pessôa que vos ama e vos presta bons serviços. Uma ligeira ausencia depois e um mimo de amor que recebereis. Uma trahição deste falso amigo, desvios de dinheiros e esta mulher que vos fará mal tecerá intrigas. Haverá depois melhoria de posição e um feliz acontecimento inesperado.

N. 91 — JUDITH A. (Rio) — Deveries ter excluido do baralho os valores 8, 9 e 10 dos quatro naipes, conforme as intrucções. Mandae nova consulta com estas exclusões, porém com o mappa que vem publicado e não um papel qualquer traçado a lapis.

N. 92 Mlle DESMAIADA (?) — Tende a bondade de ler o que digo acima á consulente Judith A., pois vosvo caso é identico.

KOM EL-AHMAR

"Revista Economica"

A imprensa paulista acaba de ser enriquecida com o apparecimento do mensario "Revista Economica", dirigida pelo Sr. Raul Santos e secretariada pelo Sr. Santos Junior. O novo orgão, cujo programma é traçado pelo seu proprio titulo, completa-se com partes tambem desenvolvidas de finanças e politica. O numero 1, de Julho ultimo, apresenta-se bem feito materialmente, com copiosa collaboração de nomes acatados em assumptos economico-financeiros e substanciosa materia de redacção.

Theatro do terror

O **grand guignol**, producto de imaginações macabras, que desencadeia tão impetuosas tempestades de medo que agitam e conturbam os nervos dos mais scepticos, e que vive, exclusivamente, das situações do panico, do espanto, do terror e da morte, esse theatro está em completa decadencia e tende a desapparecer da scena mundial.

O **grand guignol** surgiu quando triumphava o chamado theatro moderno, essa especie de peças semi-romanticas, feitas de admiraveis combinações de peripecias, sem observação, nem verdade, porém, habilmente construidas.

O theatro romantico — que sempre tomou o amor a serio — não deixou vinculos, mas estabeleceu um certo numero de principios de esthetica theatral, a importancia do scenario, a ampliação do horizonte, a intervenção do povo na scena e outros mais. Posto que haja quem o pense, o theatro romantico não morreu, nem parece que venha a morrer; de longe em longe, resurge cada vez mais apaixonado, mais eloquente, mais fogoso, mais brilhante.

O theatro do terror, póde-se dizer sem receio de errar, nasceu da exaltada phantasia de Edgar Poe. Esse notavel escriptor procurava uma situação theatral, de tamanho horror, que os espectadores, incapazes de a supportar, tivessem de fugir, allucinados!

E' certo que o theatro vive de emoções e toda a sua technica deve encaminhar-se para a emoção, afim de não ficar áquem do seu escopo mas o **grand guignol** exaggerou os seus processos technicos, creando, numa atmosphera de desassocego e agonia, lances patheticos e terroristas, para angustiar os espectadores, cujos nervos, como espiraes de aço que, repentinamente, se desenrolassem, são sacudidos com violencia! Debaixo de uma tal impressão de pavor, os corações offegantes dos espectadores, numa inquietação sem treguas, apressam seu rythmo; mas isso é um soffrimento e não significa um prazer, uma diversão.

Amar, rir, soffrer, chorar, sahindo de uma formula de arte humana, vehiculando idéas sãs, fomentando sentimentos nobres, deve ser a esthesia do seculo, vivida e sentida por toda a gente; porém, uma arte indefinivel que consiste em crear um ambiente de perturbação para manter o publico numa angustia ininterrupta, affrontando um verdadeiro jogo de paixões, essa arte é a negação da vida, com a qual não tem solidariedade, nem concordancia na pureza do sentir. Dahi a brevidade de sua existencia, que é, como se dissesse, do seu successo.

Mas não foi só pelo seu caracter especifico, o realismo, por essa larga corrente de paixões que desencadeia, nem ainda porque está limitado a essa concepção de aterrorizar, que o **grand guignol** deixou de interessar á platéa; o que, principalmente, contribuiu para semelhante desinteresse, foi a arte cinematographica que, mercê dos **trucs** surprehendentes e da sumptuosidade nababesca e maravilhosa das encenações, emprestou ao espectaculo inesperadas perspectivas e deu novas diretrizes ao prazer theatral, caldeando as scenas aterradoras ou simplesmente dramaticas, com a seducção do mysterio, com o encantamento do amor, com a frivolidade dos episodios galantes pittorescos e poeticos.

O theatro do terror restringe a sua arte ao soffrimento, ao mysterio, á luta do instincto vital e á morte. E' o espectaculo da dôr sem belleza.

A arte cinematographica, ao contrario, reune todo o encanto de um espectaculo ideal, enquadrado num espirito humano e moral, para nos offerecer um integral e perfeito prazer esthetico.

Deviam, por força, ser ephemeros e frageis os triumphos de uma arte que move as grandes paixões humanas do amor carnal, do odio, do dinheiro e da ambição, para

Entre todas as publicações
Cinematographicas
prefiro e preferirei o
"Cinearte-Album"
que está preparando,
para 1931,
uma edição luxuosissima
com bellos Retratos Coloridos
dos maiores Artistas de
Todo o Mundo

nos dar, tão sómente, o espectaculo da morte em todo o seu horror! A loucura, a peste, o cholera, a morphéa, o escorbuto, todos os corrosivos, todos os venenos, a tortura e a guilhotina, foram os elementos, sinistros e tragicos da maioria desses dramas que se abatiam velozes, brutaes, fulminantes, em face de uma platéa atormentada, presa de terror panico!

Se toda a nossa actividade physica e intellectual vem do fermento de morte que se encerra em nós proprios, é natural que tenhamos decidida predilecção por tudo quanto seja emotivo — uma necessidade insistente de sensações de impressões intensas, e até uma certa preferencia pela Fatalidade. Mas o contacto incessante das religiões, das moraes e do progresso, dos costumes e idéas, impedenos de acolher como diversão, a descarga violenta das tremendas sensações e da Fatalidade **grand guignolesca.**

Ao theatro do terror e ao theatro d'**avant guard**, oppuzeram o principio que estabelece que o theatro só é uma diversão completa quando, melhor ou peor, o espectador se vir retratado na peça; — quando as principaes scenas não ferirem as cordas de uma sensibilidade commum, e quando o desfecho fôr concorde com as convenções estabelecidas pelo gosto e pela moral da sociedade.

Entre o **grand guignol** e esta formula, penso que cabe, com maior acerto, um theatro mais elevado, mais humano, mais piedoso para com as miserias sociaes e onde se affirmem os mais nobres ideaes.

EDUARDO VICTORINO

Visita de jornalistas ao Hospital São Sebastião

Os membros da Commissão Especial de Beneficencia da Associação Brasileira de Imprensa, no Hospital São Sebastião, onde foram recebidos pelos Drs. Clementino Fraga, Director do Departamento Nacional de Saúde Publica e Antonino Ferrari, Director daquelle estabelecimento.

A Commissão de Beneficencia e Auxilios da Associação Brasileira de Imprensa, presidida pelo nosso companheiro Dr. Oswaldo de Souza e Silva, attendendo a gentil convite do Dr. Clementino Fraga, director do Departamento Nacional de Saúde Publica, visitou na manhã de segunda-feira, 4 do corrente, o Hospital de São Sebastião, ahi verificando os appartamentos que o illustre facultativo poz á disposição dos associados da A. B. I.

Conduzidos pessoalmente pelos Drs. Clementino Fraga e Antonio Ferrari, director do Hospital, visitaram demoradamente todas as dependencias daquella enorme villa sanitaria, onde o actual director da Saude Publica realizou a mais radical reforma, tornando-o, no genero, um dos mais completos hospitaes da America do Sul.

Enlace: — Giselda Dantas — Celso Monteiro, Natal, Rio Grande do Norte

Officinas Graphicas d'O MALHO